



Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

novembro-dezembro de 2011



Exemplar avulso: R\$ 10,34

**Princípios
e diretrizes
para correta
interpretação
bíblica**

As Escrituras e o reavivamento

**“Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha
a Bíblia como base de todas as reformas”**

Como se faz um cristão, p. 9

São triteístas os adventistas?, p. 30



Conte as bênçãos

Ao longo de meu ministério, tenho sido muito abençoado trabalhando em várias atividades: pastorado de igrejas, lecionando, entre outras coisas. Mesmo durante o tempo em que trabalhei como professor universitário, costumava ressaltar para os alunos o privilégio que significa para alguém o fato de ser pastor. Hoje, ao refletir sobre os anos de ministério pastoral, percebo que as bênçãos recebidas têm sido demasiadamente numerosas para ser relacionadas.

Meu primeiro distrito era composto de três pequenas igrejas na região nordeste da Pensilvânia. Enquanto estive ali, descobri que os santos tinham pouco interesse em minha graduação obtida da Universidade Andrews. Para eles, o que realmente importava era minha ligação com Deus.

Aprendi muito sobre pregação, mas vi que não sabia muita coisa sobre a elaboração de um calendário de sermões. Tivesse eu aprendido sobre isso desde cedo, teria me poupado de situações quase de pânico. Também teria sido mais abençoado se tivesse um mentor que me ajudasse a planejar e trabalhar com mais objetividade, alcançando, assim, maior produtividade.

Quando fui designado para liderar uma única igreja, me tornei mais desperto em relação à política interna de uma congregação. Talvez eu não usasse essa terminologia, mas certamente estava mais atento aos grupos influentes que existem na igreja e aprendi a identificar os patriarcas e matriarcas. Procurava lembrar a mim mesmo de que eu era pastor de todos, não apenas de uns poucos escolhidos. Assim, a transformação que ocorreu na vida de um dos nossos anciãos, que tinha a reputação de ser frio e crítico, será por mim lembrada durante muito tempo.

À medida que eu notava a ação do Espírito de Deus entre nós, o coração daquele homem foi mudado e testemunhamos lágrimas de alegria substituindo a carranca irada. Essa transformação marcou o fim de muitos conflitos não apenas na vida dele, mas na igreja como um todo. Sim, devemos administrar esse processo político da

igreja, de maneira humilde, empática, buscando honrar a Deus, e grandes transformações ocorrerão.

Meu último trabalho pastoral foi em uma igreja grande. Ainda me lembro do dia em que o primeiro ancião me recebeu ali. Seu apelo tocou meu coração: "Necessitamos de alguém que nos aponte a Cristo." Não é isso o que todos necessitamos? Cristo é o caminho, a verdade e a vida. Os escritos de Lucas nos desafiam a aceitar que Ele veio "buscar e salvar o perdido" (Lc 19:10), bem como a ser Suas testemunhas "em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra" (At 1:8).

Assisti ao concílio que reuniu quatro mil pastores da Divisão Sul-Americana. Ao conversar com um jovem pastor que cuida de doze congregações ao longo do Rio Amazonas, fui motivado por seu espírito de sacrifício e devoção. Ouvi testemunhos de muitos desafios e lutas, e me lembrei, mais uma vez, de que o pastorado não é uma fácil tarefa; há meios de vida muito mais fáceis.

"O ministério pastoral não pode ser definido como trabalho; é uma sagrada e abençoada vocação"

O apóstolo Paulo também enfrentou muitos desafios em seu ministério: "Cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove açoites. Três vezes fui golpeado com varas, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, e perigos dos falsos irmãos. Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, e muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez" (2Co 11:24-27, NVI).

Você pode perguntar: "Paulo, por que você permaneceu nesse trabalho tão desafiador?" E ele responde no verso 28: "minha preocupação com todas as igrejas". O ministério pastoral não pode ser definido como trabalho; é uma sagrada e abençoada vocação. Oro para que cada pastor tenha sempre em mente as alegrias dessa vocação. À medida que contamos as bênçãos e as identificarmos uma por uma, nos surpreenderemos diante do que o Senhor tem feito por nós. ■

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos Santos

Ilustração da Capa:

Carlos Serbelli

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; Elbert Kuhn;

Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores:

Antônio Moreira; Augusto M. Cárdenas;

Bolívar Alaña; Carlos Sanchez; Daniel

Marin; Edilson Vallante; Geovane Souza;

Horácio Cayrus; Ivanaudo B. Oliveira;

Jair Garcia Góis; Leonino Santiago; Luiz

Martinez; Nelson Suci; Salomón Arana;

Samuel Jara.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 49,70

Exemplar Avulso: R\$ 10,34

 **CASA
PUBLICADORA
CASA BRASILEIRA**

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34

18270-970 – Tatuí, SP

 Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 5.000 exemplares

5972/25354



Foto: Daniel Oliveira

Palavra divinamente autorizada

Vivemos em tempos desafiadores para o exercício do ministério pastoral e o cumprimento da missão evangelizadora. Como comunicar a fé e o significado cristão da vida a pessoas que não encontram qualquer sentido na igreja? Qual a estratégia pela qual podemos evangelizar com sucesso pessoas que descartam valores e práticas religiosos, considerando-os irrelevantes e superados? Como podemos comunicar fé a mentes saturadas pelas mensagens transmitidas pela mídia, mensagens que não apenas alienam da realidade, mas dificultam a própria capacidade individual de sentir e pensar profundamente? Como pregar ao homem altamente interessado em conforto material e gratificação imediata dos desejos? Como falar de verdade absoluta a mentalidades pluralistas e relativistas?

Felizmente, não fomos deixados ao léu das incertezas, perdidos nas vielas do pensamento, da cultura e da filosofia dos nossos dias. O Senhor Deus nos fez depositários de um poderoso recurso com o qual podemos ajudar a iluminar o caminho trilhado por homens e mulheres que tateiam em busca da verdade que salva. Esse recurso nada mais é que a revelação que Ele faz de Si mesmo nas Escrituras Sagradas, como solução e resposta para os dilemas humanos. A revelação divina através da Bíblia tem autoridade superior à de qualquer outra fonte de conhecimento de Deus. Essa autoridade repousa no fato de que ela é a inspirada Palavra de um Deus que fala e age, apresentado pelos escritores do Antigo Testamento, bem como na mensagem e pessoa de Jesus Cristo, a Palavra encarnada, conforme o Novo Testamento.

Como porta-vozes de Deus, os escritores bíblicos não somente falaram para seu próprio tempo, mas também predisseram acontecimentos futuros (1Pe 1:10-12), razão pela qual existem profundo significado e transcendentais implicações nas palavras das Escrituras, o que explica sua absoluta relevância para o século 21.

Por tudo isso, de acordo com Franklin Ferreira e Alan Myatt, “precisamos pregar e explicar somente a Escritura... Se não a estudarmos toda, nossa visão de Cristo será falha, nossa vida espiritual será falha e nos tornaremos presas fáceis de falsos mestres, de erros e heresias e de toda espécie de especulações e filosofias não cristãs... Devemos aplicar as Escrituras a todas as esferas da vida: casamento, sexo, família, trabalho, finanças, educação, ação social, culto e adoração... O único meio ordenado por Deus de chamar eficazmente pecadores para a salvação é a pregação da Palavra. Ela é a chave que abre e fecha o Reino dos Céus ao homem (Mt 16:19), que o quebranta para a glória da graça de Cristo e o endurece para a glória de Sua justiça” (*Teologia Sistemática*, p. 142). Viver e pregar fielmente a Palavra – eis nosso sagrado dever. ■

Zinaldo A. Santos

09 COMO SE FAZ UM CRISTÃO

A pregação do evangelho requer discípulos amadurecidos e espiritualmente sadios.

12 A QUALIDADE ESSENCIAL

O que é preciso para que o pastor seja um construtor de pontes no relacionamento interpessoal.

14 CULTOS DE PODER

Sugestões para dinamizar as reuniões de oração.

17 AS ESCRITURAS E O REAVIVAMENTO

Reflexão sobre a importância e a centralidade da Bíblia na mensagem do advento.

21 O REMANESCENTE NO NOVO TESTAMENTO

Quem compõe esse grupo de cristãos e que papel ele desempenha na escatologia bíblica?

24 INTERPRETAÇÃO SEM DISTORÇÃO

Princípios e diretrizes indispensáveis para que a Bíblia seja corretamente interpretada.



Fotolia

27 ESCARNECEDORES ONTEM E HOJE

Como o pós-modernismo ecoa o criticismo à segunda vinda, predito pelo apóstolo Pedro.

30 SÃO TRITEÍSTAS OS ADVENTISTAS?

Uma resposta fundamentada na Bíblia e nos escritos de Ellen White.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“Podemos tão bem atear luz ao Sol com um facho, como explicar as Escrituras por tradições ou fantasias humanas. A santa Palavra de Deus não necessita do lusco-fusco dos archotes terrenos para tornar distintos os seus esplendores. Em si mesma é luz – a revelação da glória divina; e, ao seu lado, qualquer outra luz é fraquíssima.” – Ellen G. White

Desafio compensador



Foto: Márcio Nastrini

“Não consigo me imaginar atrás de uma escrivaninha. Gosto de lidar com as pessoas e vivo uma realidade muito feliz em meu ministério”

por **Márcio Nastrini**

Filho de pais adventistas, o pastor Itaniel Silva é paulista de Assis, mas foi criado no interior do Paraná. Graduou-se em 1980, no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, onde também concluiu o mestrado no ano 2000.

Durante 18 anos, o pastor Itaniel liderou igrejas em Curitiba, Jacarezinho, Londrina, Maringá, no Instituto Adventista Paranaense e em São Paulo. Atualmente, está em seu décimo ano como pastor da igreja da Universidade Adventista de São Paulo, Unasp. É casado com a professora Ada Ferreira Silva e tem três filhos, uma nora e duas netas.

Nesta entrevista, ele compartilha lições de sua experiência à frente da igreja do Unasp.

Ministério: Houve alguma experiência em sua vida, que o senhor julga definitiva para seu chamado pastoral?

Itaniel: Foi durante minha infância que Deus me falou sobre isso. Fui criado em uma fazenda no interior do Paraná. Ali, por algum motivo então desconhecido, meus amiguinhos e primos me chamavam de “pastor”. Então, aproximadamente aos 13 anos, minha consciência começou a ser despertada para essa vocação, que foi sendo confirmada ao observar a graça e o esforço do trabalho dos pastores que nos visitavam enfrentando estradas difíceis, às vezes, enlameadas; alguns chegavam a pé; outros chegavam de jeep. Isso e a inspiração provida por dois tios pastores me fizeram entender que esse era o plano de Deus para minha vida.

Ministério: De que maneira o senhor avalia as experiências de pastorear uma igreja de uma instituição universitária e pastorear uma igreja em outro contexto?

Itaniel: A igreja do Unasp é composta de pessoas de várias clas-

ses sociais, econômicas e culturais, o que exige muito do pastor. Há os professores e servidores da instituição, pastores, além de muitos jovens e cerca de 650 crianças. Adicionando o pessoal do campus e da comunidade, temos aproximadamente quatro mil pessoas, algumas das quais são membros há 20 anos e, certamente, já assistiram a programas excelentes, e ouviram grandes pregadores de todas as instâncias da igreja. Então, o pastor não pode se conformar em oferecer algo abaixo da excelência. Confesso que gosto desse desafio: é um chamado ao crescimento. Há também o fato de que uma igreja de instituição está no centro do foco de várias instâncias administrativas. Por exemplo: Divisão, União, Associação e a própria Universidade têm programas e datas que devemos considerar ao fazer o planejamento anual de trabalho. O objetivo desses programas é o mesmo

pelo qual uma igreja convencional existe. Mas esta responde mais diretamente ao Campo local.

programas e semanas especiais. Isso representa um desafio para o crescimento pessoal. Existem pesquisas

“Quando Deus fala, não há lugar para questionamentos, e o pastor não deve temer falar o que Deus disse, recusando-se a pregar sobre temas que já não são considerados pertinentes por muitas pessoas”

Ministério: *O senhor está há dez anos à frente de uma única igreja, coisa que não é comum na estrutura administrativa adventista. Como vê essa experiência?*

Itaniel: Primeiramente, devo dizer que escolhi ser pastor. Embora tenha sido convidado para atuar em outras áreas, não consigo me imaginar atrás de uma escrivadinha. Gosto de lidar com as pessoas e vivo uma realidade muito feliz em meu ministério de dez anos aqui nesta igreja. Um pastorado longo tem muitas vantagens, embora estejamos num contexto em que são frequentes as transferências de pastores, o que também tem seu lado positivo. Porém, acho que se o pastor permanecer mais tempo que a média atual num distrito, ele terá muitas vantagens. Em uma comunidade maior, o pastor leva entre dois e três anos para conhecer e entender a realidade do rebanho. E o rebanho também leva esse tempo para conhecê-lo devidamente. Então, é a partir daí que haverá maior afinidade, cumplicidade e credibilidade mútua, que facilitarão maior crescimento e produtividade. É uma questão de semear e colher, planejar com conhecimento das realidades e obter os resultados esperados. Dez anos atrás, esta igreja batizava, em média, 60 pessoas por ano. Hoje, essa média é de 170 batismos. Há também o aspecto do crescimento do pastor. Imagine o que significa um pastor estar diante de uma congregação durante dez anos, pregando, orientando, realizando

que mostram as vantagens de um pastorado longo, tanto para o pastor como para a igreja. Eu agradeço a Deus e à igreja por estar vivendo esse privilégio. Há muitas experiências lindas que temos vivido aqui, entre as quais destaco a harmonia cristã entre a comunidade e as conquistas evangelísticas materializadas no batismo de muitas pessoas.

Ministério: *Qual é a sua rotina diária de trabalho?*

Itaniel: Bem, acordo diariamente às 6h e, em primeiro lugar, reservo boa parte da manhã para estudo e devoção pessoal. Em seguida, me dedico aos assuntos administrativos: supervisão e acompanhamento de programas do nosso calendário, reuniões com oficiais da igreja, e aquelas convocadas pela Associação ou pela Universidade. Então, segue-se o atendimento às pessoas, tarefa que é muito exigente. São muitas pessoas e muitas necessidades. Isso dificulta um plano rotineiro de visitação, porque os chamados são tantos que absorvem quase todo o tempo. Mas a igreja tem dois pastores associados com os quais o trabalho é dividido com base nos talentos que possuem: especialmente evangelismo e atendimento aos jovens. Eles são responsáveis pelo atendimento a casos específicos dessas áreas. Casos especiais ficam sob a responsabilidade do pastor titular. As terças-feiras estão reservadas para atendimento na sala pastoral, caso alguém deseje um encontro nesse âmbito.

Ministério: *Qual é o seu plano de pregação para a igreja?*

Itaniel: Nosso calendário de sermões é elaborado a partir de quatro áreas. Primeiramente, há os sermões inspirados nos momentos de comunhão com Deus e Sua Palavra. São sermões que o Senhor diretamente pede que Seu servo pregue. É na presença do Senhor que o ser humano inadequado é transformado em instrumento da vontade e do poder de Deus. Também levamos em conta os projetos específicos do planejamento pastoral: Se, durante o ano, planejamos enfatizar salvação, oração intercessora, evangelismo, crescimento espiritual, comunhão pessoal, busca pelo Espírito Santo, família ou fidelidade, pregaremos sobre esses temas. Outra área a ser considerada são as datas especiais do calendário comum (dia das mães, dia dos pais, Natal e outras). Finalmente, costumamos ouvir as pessoas da comunidade. Uma catástrofe natural, crises, lançamento de um filme ou livro, algum fato da mídia, que provoque reação entre elas, são assuntos que podem ser abordados a partir da visão bíblica, profética ou doutrinária. Acredito que um calendário homilético com sermões bíblicamente fundamentados, construídos a partir desses critérios, dá ao pastor a consciência de estar pregando o “assim diz o Senhor”.

Ministério: *Quais são os meios que o senhor emprega para envolver a igreja na evangelização?*

Itaniel: Primeiramente, procuramos diversificar os ministérios e criar uma consciência de que a igreja deve trabalhar através deles, utilizando os diversos dons espirituais existentes na comunidade. Então, há os ministérios de recepção, de doadores de sangue, de comunicação com deficientes auditivos, entre outros já conhecidos. Também procuramos conscientizar os irmãos para que atuem no respectivo círculo de influência.

Por exemplo, se existe um programa de distribuição especial de literatura, que todos participem fazendo isso na empresa em que trabalham, no círculo de amigos, entre vizinhos e familiares, na escola ou faculdade onde estudam ou lecionam, e assim por diante. Em uma sociedade como a que nos cerca, com pouca disponibilidade de tempo e outras dificuldades, qualquer outro método pode significar complicação em vez de facilidade para o trabalho evangelístico. Outra estratégia é o evangelismo de curta duração, voltado especialmente para os jovens universitários. Nós temos um campo evangelístico com mais de dois mil alunos universitários não adventistas. Imagine o universo que isso representa quando pensamos nos familiares deles! Por isso, anualmente realizamos um programa evangelístico de dois fins de semana (seis noites), muito bem elaborado. Embora focalizemos o universitário, o programa é aberto a todas as pessoas. Escolhemos um orador especial e as palestras são feitas sobre um tema da atualidade. Por exemplo, em 2010, trabalhamos com o filme 2012, e focalizamos a volta de Cristo, à luz da Bíblia. É assim que a mensagem se torna relevante para a mentalidade secularizada. Os visitantes despertam para o conhecimento da Bíblia e são atendidos imediatamente, em casa ou em classe bíblica, por nossos pastores associados e irmãos talentosos para o trabalho com esse segmento. Seguindo essas duas estratégias, temos colhido resultados maravilhosos!

Ministério: *Algumas igrejas desse nível têm descontraído um pouco mais a dinâmica da liturgia. Qual é a situação de sua igreja?*

Itaniel: Bem, nosso culto é planejado buscando utilizar os muitos talentos de que dispomos, bem como envolver e alcançar totalmente a comunidade heterogênea que temos. Jovens, crianças e adultos

dos vários segmentos devem ser alcançados e sair daqui levando uma experiência de adoração que os torne instrumentos de transformação onde estiverem durante a semana. Para isso, devo dizer que o sistema de culto aqui é bastante equilibrado. Contamos com uma excelente comissão de música, e damos prioridade à execução de instrumentos, ao vivo, em todos os cultos. Temos anciãos que cuidam do cerimonial (formação da plataforma, processional, oração pastoral, anúncios, e até postura dos oficiantes do culto). Embora seja uma igreja jovem, tudo o que planejamos e executamos em termos de culto está bem fundamentado na Bíblia, em nossa teologia e nos escritos de Ellen G. White.

Ministério: *Quanto mais sofisticada é hoje a cultura, maior parece ser o questionamento de valores, crenças religiosas. De que maneira o pastor deve tratar essa questão?*

Itaniel: Acredito que o pastor deve harmonizar discurso e prática, ser coerente e respeitoso diante das pessoas. O pastor é autorizado a falar em nome de Deus. Ao pregar, ele fala a Palavra de Deus; portanto, é a palavra final, que não permite meio termo. Deus falou isto; Deus disse isto. Quando Deus fala, não há lugar para questionamentos, e o pastor não deve temer falar o que Deus disse, recusando-se a pregar sobre temas que já não são considerados pertinentes por muitas pessoas. Ele deve pregar e viver a Palavra, com poder, autoridade e amor. As pessoas têm direito de escolha, certamente farão uma escolha, mas o pastor tem que ser incondicionalmente fiel ao dever.

Ministério: *O que o senhor tem ouvido dos jovens? O que a igreja pode esperar deles?*

Itaniel: O jovem precisa de uma referência, um modelo que parece não encontrar na sociedade. Por sua

conduta e postura, o pastor deve ser essa referência para o jovem. Engana-se quem pensa que o jovem quer ser liderado segundo o modelo *lassaiz-faire*. Não; ele quer ter alguém que lhe diga por onde deve andar, desde que faça isso com respeito e consideração por ele, como ser humano, filho de Deus. Cabe ao pastor ocupar esse espaço, por preceito e exemplo. O jovem adventista moderno é muito preparado e talentoso. Ele tem muito a dar à igreja. Por isso, estou certo de que nossa igreja tem grande e maravilhoso futuro, se nos tornarmos referência para nossa juventude.

“Se o pastor deseja ser bem-sucedido, ele deve buscar de Deus a capacidade de amar as pessoas. O mundo é um deserto de amor. As pessoas precisam ser amadas”

Ministério: *Qual a mensagem especial que o senhor gostaria de dar aos leitores?*

Itaniel: Se o pastor deseja ser bem-sucedido, ele deve buscar de Deus a capacidade de amar as pessoas. O mundo é um deserto de amor. As pessoas precisam ser amadas. O pastor não pode trabalhar apenas pelo salário; deve fazê-lo por amor a Deus e as pessoas. Amor é um dom de Deus e todo pastor deve tê-lo, a fim de partilhá-lo com as pessoas que foram alcançadas para o Bom Pastor e com aquelas que ainda não estão no aprisco. Nossa principal atribuição é amar. Muitos realizam obras assistenciais e de caridade, mas as pessoas precisam de amor. Deus é a fonte do amor. Então, precisamos nos encher de amor nessa fonte, e fazê-lo transbordar de nossa vida. ▀



Visitas de esperança

Como tornar ainda mais eficaz um dos mais importantes ministérios da igreja

De acordo com o conselho de Ellen G. White, “ao seguir qualquer plano que possa ser posto em operação para levar a outros o conhecimento da verdade presente, e das maravilhosas providências relacionadas com o avançamento da causa, primeiro consagremo-nos inteiramente Àquele cujo nome desejamos exaltar. Oremos também fervorosamente em favor daqueles a quem esperamos visitar, trazendo-os um a um à esperança de Deus, com uma fé viva” (*Consecrated Efforts to Reach Unbelievers*, 05/06/1914).

Existem ministérios na igreja com os quais podemos nos comprometer, dispendo-nos a desenvolvê-los com a ajuda divina. Entre esses mencionamos a visitação a lares de irmãos, vizinhos, amigos e interessados na Palavra de Deus, aos quais podemos levar conforto, bem-estar, palavras de ânimo e ajuda. Assim, podemos beneficiar espiritual e emocionalmente as pessoas.

Jesus Cristo tinha o hábito de visitar famílias nas respectivas casas (Jo 2:1, 2; Mc 1:29-31; 5:38-42; Lc 5:27-29; 7:36-38), levando-lhes conforto e alegria. Ele também realizou visitas específicas a indivíduos da alta sociedade, tendo como objetivo o fortalecimento espiritual e a afirmação social dessas pessoas. Em Lucas 19:5, 6, que relata o encontro com Zaqueu, em Jericó, Cristo deixou um exemplo para ser imitado pelos discípulos, mostrando como agir no exercício desse ministério: “Quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa. Ele desceu a toda a pressa e O recebeu com alegria.” Sempre que nos dispusermos a trabalhar para o Senhor, Ele nos dará palavras certas e nos orientará sobre como devemos agir em cada ocasião; mas também precisamos fazer nossa parte.

Neste artigo, compartilharemos alguns cuidados que necessitamos ter, ao visitar pessoas nas respectivas casas. Aqui estão:

Preparo

Combinar dia e hora da visita com a pessoa a ser visitada.

Orar e se preparar espiritualmente.

Planejar o tempo. Não faça visitas longas, mas breves e objetivas.

Informar-se a respeito da família que será visitada, certificando-se assim de que não há oposição à visita.

Caso a visita seja a pessoa do sexo oposto, levar consigo outra pessoa.

Levar a Bíblia e ter em mente textos que possam ser mencionados para ajudar a pessoa que será visitada. Os textos escolhidos devem revelar o cuidado e a presença de Deus, encorajamento, esperança e conforto. Lembre-se: a visita deve ser breve.

Durante a visita

Ao chegar, bata à porta da casa ou toque a campainha e dê um passo para trás. Aguarde até que a pessoa venha atender.

Cumprimente-a com um sorriso sincero e cordial. Estenda-lhe a mão ou abraçe, conforme o nível de amizade com a outra pessoa.

Aguarde o convite para entrar e sentar. Não vá entrando e sentando antes que a pessoa visitada dê indicação para fazer isso.

Durante a conversa, mais do que falar, procure ouvir.

Preste atenção ao momento certo de encerrar a conversa; termine com uma leitura bíblica e oração. Essa oração deve ser específica e relacionada com as necessidades da pessoa.

Lembre-se: Esta visita não é para que você conte seus problemas. Você está ali para ajudar.

Ao se despedir, expresse simpatia e partilhe palavras de ânimo.

Depois da visita

Continue orando em favor da pessoa que foi visitada.

Demonstre sincero interesse por ela, telefonando-lhe algumas vezes.

Ao se encontrarem, pergunte a respeito do caso sobre o qual conversaram durante a visita. Isso estreitará o relacionamento e fará diferença na vida dela.

Lembre-se do conselho de Salomão e faça dele a meta de seu trabalho: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças” (Ec 9:10). Permita que o Espírito Santo use você neste ministério. Então experimente as bênçãos que Deus lhe tem reservado. ■

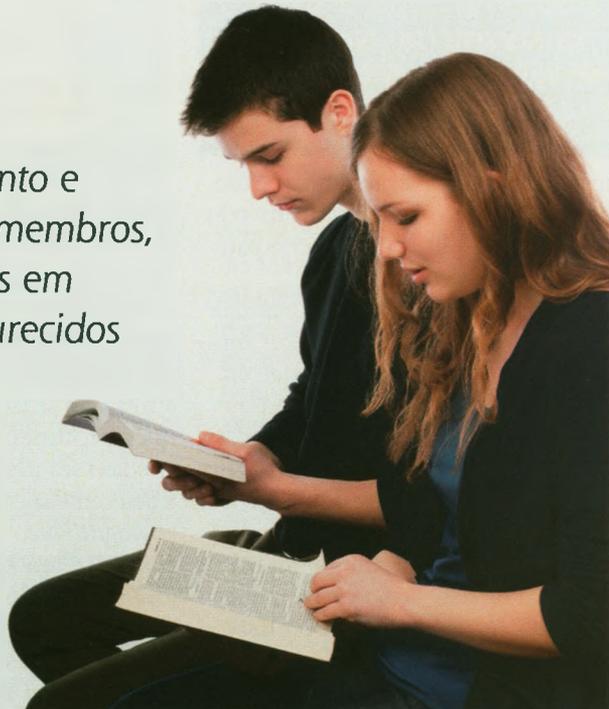


CRESCIMENTO DE IGREJA

Como se faz um cristão



Precisamos nos dedicar mais ao ensino, treinamento e capacitação dos membros, transformando-os em discípulos amadurecidos



À semelhança da igreja apostólica, como igreja adventista, queremos e precisamos crescer; pois a expansão da igreja significa a expansão do Reino de Deus. Contudo, para que a igreja cresça em número e na influência sobre o mundo, é preciso haver crescimento espiritual na vida de cada membro. Afinal, “a menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a Fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas espevitadas e ardendo, deixarão de receber a graça adicional em tempos de especial necessidade”.¹

Percepções distorcidas

Porém, necessitamos atentar para alguns fatores que dificultam o crescimento cristão individual. Um deles é a influência da coletividade. Nesse caso, a pessoa não empreende seu crescimento (cf. Fp 2:12), aguardando uma ação coletiva nesse sentido. Caso imagine que nada está acontecendo na igreja, o indivíduo envereda pela frustração.

A expectativa por acontecimentos coletivos faz com que a igreja comece a olhar para si mesma, com a tendência de se concentrar em uma espiritualidade egoísta. Assim, perde o foco, paralisa e eventualmente morre.²

Há também o fator da transferência de responsabilidade. A maioria das pessoas sofre sob o peso da luta

pela sobrevivência, somando-se a isso a expectativa clientelista estimulada pelo consumismo. A primeira parte produz fadiga da vontade. No segundo caso, vê-se a igreja como agência prestadora de serviços. Por isso, muitos a procuram em busca de receber um “empurrão espiritual”, para melhorar. Se não recebem o que esperam, as pessoas sucumbem à frustração, esquecidas de que cada pessoa é responsável pela iniciativa do próprio crescimento espiritual.³

Um pensamento fatalista, com feições de crenças medievais, também contribui para o retardamento do crescimento espiritual. A máxima: “Quem tem, já o tem instantaneamente” marca o cristianismo estagnado.

Quando pessoas creem que há uma espécie de predestinação embutida na conversão, excluindo o empenho individual na busca do conhecimento de Jesus e Seu propósito para a vida, são levadas à estagnação espiritual. Ocorre que, quando as pessoas que alimentam essa percepção observam outras tendo vida espiritual abundante, atribuem a essas o *status* de escolhidas ou privilegiadas, descartando assim o empenho na manutenção do relacionamento com Cristo.

Outro fator que impede o crescimento individual é a atitude de espectador dos acontecimentos, em vez de agente deles. Somos espectadores de tantos fatos, que nos acomodamos à ideia de assisti-los. Esse comportamento pode ser atrativo e sedutor, mas é altamente nocivo para o crescimento espiritual.

Inveja espiritual é outro obstáculo para o crescimento cristão. Por um lado, o desejo de ser ou ter o que outros têm ou são pode ser um estímulo, mas também pode se tornar pedra de tropeço. A cobiça gera diferentes males que minam a base da experiência pessoal com Deus. Cada cristão é único, e Deus tem um plano para cada um de nós. Descubri-lo requer persistência, confiança, submissão, perseverança e fidelidade crescente.

O cristianismo vigoroso está fundamentado sobre dois aspectos: Busca intensiva de Cristo, como Salvador e Senhor, e dedicado empenho na tarefa que Ele nos confiou (cf. Tg 2:14, 17, 18, 20, 22, 24, 26). Quem atuar nessas duas frentes experimentará vigor e crescimento espiritual, e desfrutará a vida abundante prometida por Jesus (Jo 10:10).

Crescimento passo a passo

M. Scott Peck descobriu que, na caminhada espiritual, as pessoas se movem por quatro fases. Diz ele: “Assim como existem fases discerníveis no desenvolvimento físico e psicológico do ser humano, assim também há fases no crescimento espiritual.”⁴ De acordo com Peck, as mencionadas fases são estas:

Anomia. É a fase em que a pessoa não quer saber de Deus ou tem apenas vaga percepção dEle e da religião. O centro da vida é o “eu”, e qualquer coisa que coopere para a satisfação dele pode ser aceita. Nessa moldura está incluído o cristão que usa Deus como item de consumo para satisfação própria.

Ao andar sem luz (cf. Sl 119:105), esse cristão tropeça, machucando-se bem como aos demais. Em prejuízo do bom funcionamento das engrenagens da vida e dos relacionamentos, acumulam-se pecado e culpa. O caos estabelecido gera cansaço, por causa das feridas deixadas atrás de si; mas, nesse ponto, pode ter início uma transição.

O pecador percebe que algo está errado, mas não sabe o que é. Às vezes, nem quer saber, até que Deus alcance o coração e lhe dê nova perspectiva. Num momento de choque entre desespero e esperança, Deus Se revela ao indivíduo; e aquilo que antes não fazia sentido se torna o mais profundo desejo do coração. O solo está preparado para receber a boa semente que produzirá frutos.

Legalismo. Na fase legalista, a pessoa se rende a Deus e inicia sua jornada de relacionamento com Ele e com a igreja. Nessa caminhada, o crente reconhece que foi criado por Deus e viverá bem, se submeter-se às leis divinas. O esgotamento da vida sem Deus foi tão intenso, que o descanso nEle parece o início da própria eternidade. Os mandamentos do Senhor são inscritos no coração e lhe são prazerosos. Intenso desejo de reconciliação, remoção da culpa e do pecado, perspectiva de pureza e esperança de nova vida marcam essa fase.

Porém, nessa fase o converso tende a ser levado a nutrir expectativas irreais sobre a natureza da igreja e do poder do pecado no ser humano. Quando bem preparado, ele entende a luta entre as naturezas carnal e espiritual; mas tal compreensão tende a ficar no nível teórico. A percepção da realidade cristã somente ocorre por meio da experiência guiada e calibrada pela Palavra.

Sendo uma fase emocional, o novo crente tende a ver as coisas com desequilibrado absolutismo. O empenho em cumprir as leis de Deus pode levá-lo a criticar os que aparentemente não têm o mesmo “fervor”.

Decepção. Com o passar do tempo, novas percepções entram em vigor. Os irmãos antigos passam a ser observados pelo novo crente, que se depara com algumas perguntas: “Como é a vida de um cristão experiente? É isso o que eu quero para mim?” Vê defeitos em outros irmãos, nos líderes e na instituição. Torna-se crítico, mas reconhece que é impotente para mudar as coisas. As disciplinas espirituais são negligenciadas,⁵ o choque entre as expectativas elevadas e a realidade da falácia humana é inevitável. Como se não bastasse, se o crente for honesto consigo mesmo e não se deixar ofuscar pelo perfeccionismo, vê as próprias lutas e derrotas, e o castelo de sonhos se desmorona. A ilusão dá lugar à realidade; a expectativa, ao factual; e a experiência cristã define.

Nessa fase, alguns querem controlar e supervisionar para ter certeza de que as coisas não estão fora de rumo, como se o seu rumo fosse o melhor. Muitos que entram nessa fase de “areia movediça” perdem o vigor espiritual e, se permanecem na igreja, tornam-se passivos, desistem de progredir no discipulado e ficam marginalizados.

A situação se agrava, porque, ao enfrentar essa fase, a pessoa a torna visível para outros, assume atitude cética e cínica, tem dificuldade para aceitar ajuda bem como dificuldade de crer na operação de Deus na vida dela. Tanto da parte da igreja como da parte da pessoa que enfrenta a fase da decepção, há desconfianças. “A igreja não muda”, diz o crente decepcionado. “Ninguém consegue mudar alguém”, diz a igreja.

Aqui, a atenção pastoral é indispensável, imprescindível! O pastor deve se aproximar da pessoa, levá-la novamente para dentro da rede de afeto e atenção da igreja, explicando-

lhe a fase pela qual passa e reafirmando a possibilidade de crescimento.

Maturidade. Nesse ponto, o crente passa a desfrutar equilibradamente a vida com Deus. Sabe que as coisas não são perfeitas, nem tenta usar a lei como ferramenta para consertar o que está errado. Não precisa mais criticar, pois percebe a falibilidade de tudo e todos, inclusive de si mesmo. Aprende a se importar com as pessoas e com Deus em sua vida.

Essa é a fase do serviço maduro: a Deus, a si mesmo e ao próximo. Aqui o crente conhece os próprios dons e sabe utilizá-los. Suporta a falácia humana em suas diversas manifestações, embora possa se ferir e reagir aos abusos que sofre ao tentar servir. Porém, sabe se impor e colocar limites, mesmo quando se sente ferido. Aprende a ver a imagem maior. Com os olhos fixos no grande conflito e a volta de Jesus, tem motivos e motivação suficientes para avançar no serviço. Não sente falta de reconhecimento nem aplauso. Sabe lidar com a crítica e com o elogio, sem prejuízo da comunhão com Deus e Sua igreja. Como escreveu Deci, “a motivação intrínseca é associada a uma experiência mais rica, a uma compreensão conceitual melhor, a maior criatividade e melhor resolução de problemas”.⁶ Apesar disso, não se trata de um supercristão. A caminhada continua.

Fenômeno cíclico

Na experiência cristã, parece que não há linha de chegada. “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10:12). O processo de santificação parece nos levar circunstancialmente por essas fases. Aqueles que são mais proativos estarão menos sujeitos aos solavancos e guinadas na sucessão dessas fases.

Os altos e baixos não deixam ninguém fora. Quando pensamos que estamos intocáveis pelas fases vencidas, Deus nos permite experiências por meio das quais temos que reaprender a lidar com elas. A realidade é que todos temos que chegar à conclusão à qual Paulo foi conduzido: “A

Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12:9).

Há cristãos que desanimam com a incessante luta. Novamente, uma garantia de Paulo: “Estou bem certo de que Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus” (Fp 1:6). Que ninguém ouse desistir. Um dia, poderemos dizer como Paulo: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé (2Tm 4:7). Depois, ouviremos de Jesus: “Muito bem, servo bom e fiel” (Mt 25:21).

Por mais que avancemos na jornada e amadureçamos na experiência cristã, cada situação nos faz reiniciar as fases. Ao passar por elas uma vez, parece que estaremos despertos para o ciclo. A maturidade consiste em conhecer esse ciclo e lidar equilibradamente com ele.

Avanço ou estagnação

O cristão deve crescer de uma fase para outra, perdendo a percepção mágica de religião e encarando as novas fases com equilíbrio, melhorando o relacionamento com Deus, consigo mesmo e com o semelhante. Deve ser cada vez mais capaz de abandonar o egoísmo, servindo conforme os dons que recebeu.

Eventualmente, por falta de instrução ou por causa de estruturas psicológicas ainda não curadas, o novo crente fica estagnado em alguma das fases, podendo até retroceder. Isso lhe fará mal, por não contribuir para que avance na aquisição da beleza do caráter de Deus, em plenitude crescente, e pode ser danoso à igreja, por causa das críticas e da insatisfação.

Segundo estimativa de John Dybdall,⁷ entre 35% e 40% dos adventistas do sétimo dia estão estagnados na segunda fase (legalismo), e outros 40%, na terceira fase (decepção). Apenas entre 20% e 25% conseguem alcançar a fase de maturidade.

Lidando com a realidade

Com tal bagagem, como podemos avançar para a pregação da última mensagem ao mundo? Como accele-

rar o passo dessa embarcação chamada igreja, quando uma parte significativa da tripulação está parada em seu desenvolvimento, incapacitada para trabalhar? O que precisamos fazer para que maior número de membros avance rumo à maturidade; para que pessoas espiritualmente sadias e equilibradas preguem o evangelho com vigor e ousadia?

“Estou bem certo de que aquele que começou Sua obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus” (Paulo)

O que sabemos nós a respeito da condição de nossos irmãos? Como podemos conduzir os membros de nossas igrejas até à maturidade espiritual? Necessitamos de um ministério semelhante ao de Cristo. Ele investiu mais tempo curando do que pregando, e ainda muito mais tempo capacitando. Diariamente, Ele capacitava os discípulos para que fizessem parte da obra por Ele iniciada e para que delegassem parte dessa tarefa a outros discípulos, aos quais eles deveriam capacitar.

Quanto mais membros amadurecidos tem uma igreja, maior seu empenho na causa do Senhor, cada um conforme o dom recebido. Assim, estou certo de que precisamos nos dedicar mais ao ensino, treinamento e capacitação dos membros, transformando-os em discípulos, levando-os à maturidade em Cristo (Ef 4:10-16). ■

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 55.
- ² Lon Allison & Anderson Mark, *Going Public with the Gospel* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003), p. 30.
- ³ Robert Mulholland, Jr, *Invitation to a JHourney*, (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993), p. 30.
- ⁴ M. Scott Peck, *The Different Drum: Community Making and Peace* (Nova York: Touchstone Editions, 1987), p. 187.
- ⁵ Richard J. Foster, *Celebração da Disciplina* (São Paulo: SP: Editora Vida, 1983), p. 36.
- ⁶ Edward L. Deci, *Por Que Fazemos o que Fazemos: Entendendo a Automotivação* (São Paulo: Negócio Editora, 1998), p. 59.
- ⁷ John Dybdall, *Spiritual Formation*, anotações em sala de aula, no Newbold College, julho de 2002.



A qualidade essencial

“Exige o mais delicado tato, a mais fina sensibilidade, o tratamento das feridas da alma”

Através de processo seletivo, instituições e organizações seculares e religiosas buscam pessoas com o objetivo de compor os respectivos quadros de funcionários. Entre muitas qualidades que os candidatos devem possuir, está a capacidade de se relacionar de modo amistoso e equilibrado. Controle emocional, cordialidade, respeito e empatia são fundamentais, especialmente ao lidarmos com outras pessoas que apresentem opiniões, ideias e conceitos diferentes dos nossos. Assim sendo, o tato é virtude imprescindível, é qualidade essencial na arte do relacionamento.

Estamos inseridos num convívio social em que, constantemente, temos que interagir mediante concei-

tos e ideias que formamos ao longo da vida. Essa realidade sociológica também é parte de nosso contexto denominacional. Como igreja, estamos ligados uns aos outros, conforme escreveu Paulo: “Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros” (Ef 4:25).

Além de resultar de íntima comunhão com Deus, a unidade da igreja, pela qual Jesus orou (Jo 17:1-26), também é consequência do exercício de sabedoria, prudência e habilidade na maneira pela qual nos relacionamos uns com os outros. Relacionar-se de forma adequada, apesar das diferenças, é um testemunho autêntico de cristianismo prático. Disse Jesus: “Nisto conhecerão todos que sois

Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:35).

O exemplo de Paulo

Na Bíblia, um dos mais fascinantes exemplos de tato é a atitude do apóstolo Paulo, na cidade de Atenas. “Enquanto Paulo os esperava [Silas e Timóteo] em Atenas, o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade” (At 17:16).

Atenas era uma cidade marcada por significativo avanço cultural e forte sincretismo religioso. Ellen G. White comenta: “A cidade de Atenas era a metrópole do paganismo. Aqui Paulo não se encontrou com uma população crédula e ignorante, como em Listra, mas com um povo famoso por sua inteligência e

cultura. Em todos os lugares estavam à vista estátuas de seus deuses e de heróis divinizados da História e da Poesia, enquanto magníficas arquiteturas e pinturas representavam a glória nacional e o culto popular de deidades pagãs. O senso do povo estava empolgado com o esplendor e a beleza da arte. De todos os lados santuários, altares e templos representando enorme despesa, exibiam suas formas maciças. Vitórias das armas e feitos de homens célebres eram comemorados pela escultura, relicários e placas. Tudo isto fez de Atenas uma vasta galeria de arte” (*Atos dos Apóstolos*, p. 233, 234).

Russel Champlin acrescenta: “Paulo contemplou, portanto, uma cena majestosa, ao entrar nessa notável cidade, mas ficou deprimido em seu espírito em face das evidências de trevas espirituais, conforme se via numa idolatria tão generalizada” (*Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, v. 1, p. 366).

A reação de Paulo ao sincretismo religioso ateniense foi sensata e prudente. Ele disse: “Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: Ao Deus desconhecido. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente Aquele que eu vos anuncio” (At 17: 22, 23). Essa atitude poderia ter sido completamente diferente, pois, como disse Huberto Rohden, “se para um israelita monoteísta era dolorosa a visão desse politeísmo idólatra, para um discípulo de Cristo era insuportável a ideia de centenas de falsos deuses sem noção do único Deus verdadeiro” (*Paulo de Tarso*, p. 128).

Um aspecto interessante é que Paulo foi tido como tagarela e pregador de estranhos deuses (At 17:18). Teriam os filósofos epicureus interesse em ouvir um “tagarela”? Acaso, o espírito inquiridor desses filósofos (At 17: 19, 20) poderia ser despertado por uma doutrina insignificante segundo a perspectiva filosófica ate-

niense? Impulsionado pelo zelo em relação à lei, Paulo poderia condenar a falta de bom senso dos atenienses. Mas, como disse Dorothy Nevill, citada por Stephen Covey, “a verdadeira arte da conversação não consiste apenas em dizer a coisa certa no lugar certo, mas em deixar de dizer a coisa errada no momento da tentação” (*A Grandeza de Cada Dia*, p. 227). Paulo sabia disso; portanto, suas palavras, recheadas de tato, criaram nas pessoas a disposição para ouvi-lo.

No relacionamento humano, uma pessoa que possui tato procura identificar um ponto em comum, em meio às diferenças. Quando Paulo se referiu “ao Deus desconhecido” e disse: “pois esse que adorais sem conhecer é precisamente Aquele que eu vos anuncio”, destruiu as barreiras e construiu uma ponte para o diálogo.

Lições atuais

A postura do apóstolo encerra lições para a igreja em todos os séculos de história do cristianismo, tanto no aspecto coletivo como individual. “As palavras de Paulo contêm um tesouro de conhecimento para a igreja. Estava ele numa posição em que facilmente poderia ter dito qualquer coisa que teria irritado seus orgulhosos ouvintes, colocando-se a si mesmo em dificuldade. Tivesse sua oração sido um ataque direto a seus deuses e aos grandes homens da cidade, e ele teria corrido o perigo de sofrer a sorte de Sócrates. Mas, com o tato nascido do divino amor, cuidadosamente ele afastou-lhes a mente de suas divindades pagãs, revelando-lhes o verdadeiro Deus, para eles desconhecido” (*Atos dos Apóstolos*, p. 241).

Frequentemente, deparamo-nos com situações e circunstâncias que requerem o emprego do mais fino trato, a fim de que barreiras sejam derribadas e pontes sejam construídas. Boas amizades são destruídas por falta de tato. Palavras precipitadas, marcadas pela falta de bom senso, são destrutivas em sua natureza. Quantas vezes nas comissões de igreja e mesas administrativas,

possibilidades são rompidas quando não se busca um ponto em comum em meio às diferenças!

Uma das grandes necessidades que temos como igreja, em todos os níveis, é o emprego de tato e bom senso no relacionamento interpessoal. “Muitas pessoas têm sido desviadas para uma direção errada, e assim perdidas para a causa de Deus, devido à falta de habilidade e sabedoria da parte do obreiro. O tato e o critério centuplicam a utilidade do obreiro. Se profere as palavras convenientes no tempo oportuno, e manifesta o devido espírito, isso terá no coração daquele que ele está procurando ajudar, uma influência capaz de comover” (*Obreiros Evangélicos*, p. 119).

A falta de tato, muitas vezes, em nome do zelo, porém zelo sem entendimento, produz mágoa e fere muita gente cujo potencial acaba sendo violentado e destruído. Em nosso dia a dia, estamos lidando com pessoas. Elas não são números, nem projetos nem coisas. São seres humanos. Fazem parte de projetos e estatísticas, mas estão acima de tudo isso. O drama do calvário (Rm 5:8-11) dá testemunho dessa realidade. Ellen White afirmou: “Exige o mais delicado tato, a mais fina sensibilidade, o tratamento das feridas da alma. Unicamente o amor emanado da Vítima do Calvário pode aí ser eficaz” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 440).

As pessoas têm liberdade de escolha. São portadoras de uma herança genética e social. Têm estrutura emocional e, muitas vezes, à semelhança de um barco em meio à fúria das águas, procuram um abrigo seguro até que passe a tempestade. Tratá-las com tato e bom senso é resultado da presença do Espírito Santo em nossa vida. Afinal, um dos componentes do fruto do Espírito é o domínio próprio (Gl 5:23). Aquele que, pela graça de Deus, mantém controle sobre as emoções desenvolve diariamente a capacidade de tato em seus relacionamentos; e centuplica sua utilidade na igreja, na instituição e na família. ■



Diretora de discipulado na igreja adventista de Forest Lake e professora de Religião na Flórida, Estados Unidos

Cultos de poder

Como dinamizar as reuniões de oração das quartas-feiras, transformando-as em ocasiões de enlevo espiritual

O culto de oração às quartas-feiras pode ser descrito como estando moribundo, se é que já não está morto. Em alguns lugares, as igrejas até mesmo resolveram fechar as portas nesse dia. Embora alguns pastores ainda insistam em abrir uma pequena sala do templo para receber alguns poucos santos, o futuro parece desanimador.

Caso você esteja desejoso de ver os cultos de oração de sua igreja res-

suscitados ou reanimados, considere as sugestões deste artigo. Em nossa igreja, elas operaram maravilhas, fazendo com que a assistência a essas reuniões fosse quadruplicada nos últimos cinco anos.

Deixe o Espírito dirigir

Primeiramente, estabelecemos o início da programação para as 19h, a fim de que seja concluída pontualmente às 20h. Colaboradores



voluntários e os membros das equipes de audiovisual e sonoplastia chegam meia hora antes. Tendo o roteiro da programação sido planejado cuidadosamente e com oração, cada colaborador recebe um boletim impresso contendo as atividades. Entretanto, permitimos que o Espírito Santo dirija o culto. Conscientizamo-nos de que essa tarefa pertence a Ele; nós apenas temos o privilégio de nos juntarmos a Ele no preparo da programação e deixar que Ele nos use.

Certa ocasião, a pessoa que tinha sido escalada para dar um testemunho falhou e, surpresos, perguntamo-nos em que havíamos errado na elaboração do programa. Porém, logo entendemos que o Espírito Santo tinha algo diferente para a ocasião.

Dias antes, um adicto em cocaína tinha visitado nossa igreja. Percebendo claramente que ele necessitava de um milagre em sua vida, nós o convidamos para que fosse à reunião de oração daquela noite. Ele prontamente atendeu o convite. Assim que a programação teve início, ficou claro que era ele o escolhido pelo Espírito Santo para testemunhar naquele dia. E não era um testemunho de vitória, mas de fracasso. À medida que o jovem descrevia o caos de sua vida, lágrimas rolavam em seu rosto, enquanto também clamava por socorro a Deus e pedia aos irmãos que orassem por ele.

Nenhuma das pessoas presentes àquele culto esquecerá o que aconteceu em seguida. Todos se ajoelharam e suplicaram a Deus, num verdadeiro tsunami de amor e intercessão. Aquela noite foi o ponto decisivo na vida daquele jovem, bem como em nossa experiência de oração. Repetidamente nos lembramos de que, junto ao cuidadoso planejamento de nosso programa de oração, devemos dar absoluta e total permissão para que o Espírito Santo dirija e redirecione o programa, a Seu bel-prazer.

Ações de graças

O salmista nos diz o seguinte: “Bom é render graças ao Senhor e cantar louvores ao Teu nome, ó

Altíssimo” (Sl 92:1). Se chegarmos ao culto de oração apenas com uma enorme lista de pedidos e necessidades, perderemos a grande bênção que nos virá quando elevarmos nosso coração em louvor e gratidão a Deus. Podemos aprender uma importante lição, a partir de um vislumbre da vida de oração do Salvador, relatado no evangelho de Lucas. Jesus começou Sua oração com estas palavras: “Graça Te dou, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra” (Lc 10:21).

Assim, em nossa igreja, incluímos cânticos e testemunhos de gratidão e louvor no culto de oração. Nossa equipe de louvor seleciona os cânticos e providencia hinários ou coletâneas para as pessoas. Frequentemente cantamos hinos tradicionais que realçam as promessas de Deus. Às vezes, chegamos a cantar oito a dez hinos, durante os 60 minutos da programação.

Os testemunhos de louvor e ação de graças devem ser curtos e objetivos: algo como uma ou duas sentenças nas quais bendizemos e honramos nosso grande e maravilhoso Deus. Essa parte é concluída com um convite para que todos se ajoelhem a fim de orar individualmente ou em grupos.

Tempo para oração

Acaso, você já notou que costumamos gastar mais tempo apresentando pedidos de oração do que orando? Em vez de gastar muito tempo ouvindo esses pedidos, convide as pessoas que foram à reunião de oração para fazer justamente isto: orar. Instrua os irmãos para que façam seus pedidos nos grupos que se formarem. Cada pedido deve ser respondido com um “amém” ou ser mencionado nas orações que forem feitas no grupo. Lembre-se: com objetividade.

Se você deseja reunir pedidos de oração específicos para uma ocasião especial de intercessão, oriente as pessoas para enviá-los por escrito, via *e-mail*, colocá-los em uma caixa na recepção, ou preencher um cartão preparado para isso. Elabore uma lista de pessoas em favor das quais a igreja deve orar e distribua essa lista no

início de cada reunião de oração ou coloque-a em sua página da internet.

Inclusão da comunidade

Um vibrante culto de oração não é impróprio para receber visitas. Frequentemente mais de 30% das pessoas que assistem às nossas reuniões são visitantes. Algumas dessas pessoas são convidadas por amigos; outras vêm por iniciativa própria, depois de terem ouvido falar que nossa igreja é “uma casa de oração para todos os povos”. Um grande painel digital na frente do templo anuncia para os transeuntes o culto de oração.

Um modo efetivo de atrair a comunidade é a distribuição de brindes. Alguns lugares utilizam a “cesta de oração”, que pode conter produtos alimentícios, literatura ou flores. Em nossa igreja, cinquenta voluntários confeccionam e bordam artesanalmente colchas que são oferecidas às pessoas pelas quais oramos. Nos últimos seis anos, mais de 1.300 dessas colchas foram distribuídas para membros da igreja e pessoas da comunidade. Houve uma ocasião em que oramos por um garoto que lutava contra uma irreversível doença, em fase terminal, e lhe entregamos uma linda colcha. A família, agradecida pelas orações e atenção dispensada, passou a frequentar a igreja.

Meses atrás, Rubens convidou o vizinho, José, para o culto de oração. Foi a primeira visita feita por José à nossa igreja. Ele ficou muito bem impressionado com o entusiasmo da programação e voltou muitas vezes, mesmo quando Rubens estava ausente. Em pouco tempo, José estava frequentando a Escola Sabatina, com uma alegria imensa estampada no rosto. Atualmente, ele estuda a Bíblia, preparando-se para o batismo. Foi o culto de oração que atraiu José e o inspirou a crescer em sua experiência com Deus.

Certo dia, recebi uma chamada telefônica de Timóteo, que mora a mais de 400 quilômetros de nossa cidade e conheceu nosso ministério de oração através do site de nossa

igreja. Ele pediu orações em favor da esposa, Jill, e da mãe dela, que estava muito doente. Apresentamos o caso na reunião de oração, oramos fervorosamente em favor daquela família, e enviamos uma colcha. Quatro dias depois, recebemos um *e-mail* com esta mensagem: “Minha esposa e eu queremos agradecer a nossos novos familiares espirituais de longa distância as orações feitas em nosso favor. A mãe dela morreu quinta-feira à noite. No sábado pela manhã, Jill recebeu a colcha e, agradecida pelas orações, a considera uma preciosidade que deseja guardar pelo resto da vida.”

Através do site da igreja, convidamos pessoas de todos os lugares a participar de nosso ministério de oração.

Sermonete

O tempo dedicado à reflexão bíblica é importante componente de um vibrante culto de oração. Essa é a oportunidade para ouvir a Palavra de Deus: então, nossa resposta natural será oração. Porém, a palavra-chave é concisão. O culto de quarta-feira não precisa ter uma pregação longa que apenas comece e termine com uma oração. Nós dedicamos aproximadamente 15 minutos para um sermone. Pode-se fazer um estudo em série, utilizando, por exemplo, o “livro do ano”.

Como parte dessa reflexão, é apropriado ensinar o povo a orar. Quando os discípulos pediram a Jesus que lhes ensinasse a orar, Ele não os reprovou. Em vez disso, os instruiu, mostrando os princípios básicos da oração. Temos o privilégio de fazer o mesmo. Abra as verdades da Palavra de Deus, de maneira clara, concisa e objetiva. Isso acrescentará um importante componente didático ao culto de oração.

Oração intercessora

Ao planejar o culto de oração, de modo a torná-lo “uma casa de oração para todos os povos”, você pode esperar muitas pessoas com necessidades especiais. Então, dedique tempo especial para intercessão.

Num dos nossos cultos, convidamos para ir à frente as pessoas que tinham pedidos especiais de oração. Mais de 40 pessoas atenderam o convite e os colaboradores se aproximaram para orar individualmente em favor delas. Um desses colaboradores orou com um jovem chamado David, que naquele dia tinha ido à igreja pela primeira vez. Segundo seu testemunho, David não tinha ido a nenhuma igreja nos últimos dez anos. Mas, disse ao parceiro de oração que necessitava de um milagre: sua vida estava se esvaindo sem o menor sentido, e ele estava desesperado. Aquele momento de oração intercessora foi um marco decisivo na vida de David. No sábado e na quarta-feira seguintes, lá estava ele novamente. Ao terminar o culto, ele pediu para começar os estudos bíblicos.

Houve outra ocasião, em que um casal veio do Canadá. O esposo pediu para que a esposa fosse ungida, conforme Tiago 5:14-16, pois ela estava enfrentando grandes problemas de saúde. Depois do devido preparo, pastor e anciãos realizaram a cerimônia na presença de muitos participantes do culto de oração. O silencioso testemunho daquela mulher, enquanto ela se humilhava sob a potente mão de Deus, animou muitos outros irmãos a crescer na experiência da oração. Temos testemunhado muitos milagres, ao ver o Senhor conceder a bênção da cura a muitas pessoas, de acordo com a perfeita vontade dEle.

Nutrição de relacionamentos

O livro de Atos relata que os cristãos primitivos “perseveravam unânimes em oração” (At 1:14). Eles não oravam isoladamente, mas “estavam todos reunidos” (At 2:1). Nutrir relacionamentos é parte importante do culto de oração. As pessoas não devem chegar e sair como estranhas anônimas. Na verdade, se não experimentarem amoroso relacionamento durante a reunião, é provável que jamais voltem.

Uma forma de alimentar relacionamentos amorosos é dirigir-se a ca-

da pessoa, chamando-as pelo nome. Queremos que cada frequentador das reuniões de oração sinta que é um participante ativo, não apenas um observador passivo. Quando oramos em pequenos grupos, é fácil mencionar o nome das pessoas, mas, dependendo do tamanho da assistência, será preciso encontrar meios de saber e memorizar o nome de cada pessoa, mesmo aquelas que chegam pela primeira vez. A equipe de colaboradores pode ajudar nesse sentido. São eles que entram em contato mais direto com as pessoas e devem chamá-las pelo nome. Uma boa equipe de recepcionistas é indispensável, para dar boas-vindas a cada participante e agradecer a presença deles.

Charles recebeu o diagnóstico médico de câncer na próstata, e resolveu ir à igreja apenas para agradecer à mãe. Porém, algo aconteceu no coração desse homem, ao se encontrar em uma comunidade que o cercou de amor, atenção e carinho, apresentando a Deus orações em favor dele. Semanas depois, ao voltar à igreja, Charles ficou admirado com o interesse que os irmãos manifestavam por ele, perguntando-lhe sobre o progresso do tratamento quimioterápico. Isso foi suficiente para que ele pedisse estudos bíblicos, pois dizia querer conhecer melhor o Deus a quem aquela comunidade servia. Quando decidiu ser batizado, Charles pediu que a cerimônia fosse realizada numa quarta-feira, argumentando ter sido no culto de oração que ele pela primeira vez se sentiu em casa em uma igreja.

Deseja você experimentar um reavivamento espiritual em sua igreja e na comunidade? Isso somente acontecerá em ligação com um reavivamento da prática da oração. Falando sobre os cristãos primitivos, a Escritura nos diz que “tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a Palavra de Deus” (At 4:31).

Seja essa também nossa experiência, para honra e glória do nosso grande Deus e bênção de Seus filhos. ▀



ESPECIAL

As Escrituras e o reavivamento

A experiência com a Palavra de Deus é objetiva, individual e insubstituível

Há duas imagens do concílio da Divisão Sul-Americana, em Foz do Iguaçu, no mês de maio, que ficaram na mente dos pastores. Na cerimônia de encerramento, todos receberam uma simbólica miniatura de igreja e se comprometeram a fazê-la brilhar. A cena-clímax do concílio foi quando essas igrejas foram erguidas, iluminadas em seu interior. Na abertura da programação, todos tinham recebido uma Bíblia; e, com a mão sobre ela, fizeram um voto de pregar a Palavra de Deus, comprometendo-se com a conclusão da proclamação da breve vinda de Cristo ao mundo.

A igreja iluminada e colocada no alto é símbolo da presença do Espírito Santo, do batismo no fogo, que vai atrair a atenção de todo o mundo no auge do alto clamor, quando a mensagem da salvação e do juízo ecoará por todos os domínios da Terra, preparando a humanidade para estar na presença do Rei dos reis. A fonte dessa luz é identificada na visão das duas oliveiras (Zacarias 4), na parábola da videira e das

dez virgens, bem como na visão das duas testemunhas no Apocalipse: as Escrituras Sagradas.

Diante do chamado para reavivamento e reforma, a igreja precisa refletir sobre o significado e a centralidade da Palavra para essa experiência escatológica. É preciso enfatizar a importância e a centralidade da Bíblia na mensagem do advento bem como estar alerta para os perigos que podem comprometer o brilho da Lâmpada para os pés e da Luz para o caminho.

O Espírito e a Palavra

A visão das duas oliveiras sugere uma relação direta e condicional entre a Palavra de Deus e a outorga do Espírito Santo. No contexto da restauração do templo, relato que se coloca em paralelo com a restauração da verdade no mundo por parte do remanescente, o líder Zorobabel e o sumo sacerdote Josué receberam a garantia de que, pelo poder do Espírito Santo, a obra deles seria concluída. A visão indicava o meio da recepção do Espírito, representado pelo azeite. Entre as lâmpadas e as oliveiras havia uma botija e tubos que as ligavam umas às outras permitindo o brilho da luz.

A mesma relação é realçada na parábola da videira em que Cristo afirma que não podemos “produzir fruto” se não permanecermos nele, que é a Palavra encarnada (Jo 15) e a fonte do Espírito (Jo 20:22).

O Apocalipse retoma a visão de Zacarias, ao falar das duas oliveiras como sendo o Antigo e o Novo Testamento. “São estas as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da Terra” (Ap 11:4).

O comentarista Mathew Henry diz que há uma interface clara entre a visão das oliveiras em Zacarias e as visões dos sete castiçais no Apocalipse (Ap 1:20) e das duas testemunhas (Ap 11). Ao relacionar as duas testemunhas com as duas oliveiras, o Apocalipse estabelece uma conexão entre a Palavra e o Espírito Santo, que já estava clara nos ensinamentos de Cristo: a fonte do Espírito é a Palavra e a recepção dEle só pode ocorrer

mediante submissão a ela. A Palavra encarnada e a Palavra escrita são colocadas em plena identificação.

Assim, os tubos da visão de Zacarias, ligando as oliveiras aos castiçais, apontam para uma relação direta e objetiva entre a Palavra de Deus e os crentes: condição clara para recepção do poder do Espírito Santo, sem o qual a conclusão da missão é impossível. Esses tubos mecânicos são um símbolo eloquente da necessidade de comunhão, estudo e submissão à Palavra revelada de Deus.

Jesus, a Palavra viva e encarnada de Deus, mostrou a importância e a autoridade da Palavra escrita, ao Se submeter Ele mesmo a essa autoridade. Cada vez que pronunciou o célebre “está escrito” (Mt 4:4, 7, 10), Ele deu prova de que, como Deus e Salvador, o autor da Palavra Se submetia à autoridade dela.

A Palavra no adventismo

A fim de exercer sua função na igreja, as Escrituras precisam ser aceitas como única regra de fé e prática. No desenvolvimento do adventismo, as Escrituras foram a única fonte da verdade.

Nos primeiros anos de circulação da *Review and Herald* e de outras publicações adventistas, havia muita suspeita em relação a visões e sonhos. Tiago White chegou a escrever que “como muitos tinham preconceito contra visões, achamos melhor não inserir nada dessa natureza em nossas publicações regulares” (RH, 21/07/1851). Essa atitude mostra quão central era a Bíblia para esses pioneiros interessados numa completa restauração do lugar da Bíblia em detrimento de toda tradição e vontade humana.

Em outubro de 1855, ele voltou ao tema para dizer que “as opiniões publicadas em nossas colunas são todas extraídas das Sagradas Escrituras. Nenhum escritor da *Review* tem jamais se referido a elas (visões da Sra. White) como autoridade em qualquer ponto... O lema da *Review* tem sido ‘A Bíblia e a Bíblia somente, a única regra de fé e prática’” (RH, 16/10/1855).

Alguns críticos alegaram que a doutrina do santuário, que exerce função estrutural na teologia adventista, seria resultado de visão mais do que de estudo das Escrituras, o que não corresponde aos fatos históricos.

A doutrina do juízo investigativo, muito questionada por essas pessoas, foi resultado de oração e estudo das Escrituras. O pesquisador adventista Merlin D. Burt diz que a ideia de que uma visão por parte de Hiram Edson teria sido a base dessa doutrina não tem apoio histórico. Pois, as publicações acerca desse tema naquele contexto não fazem referência a essa visão, mas ao estudo exaustivo das Escrituras por parte do próprio Edson, do médico Frederick B. Hahn e do professor Owen R. L. Crosier, autor do célebre artigo “A lei de Moisés”, considerado marco inicial na compreensão do santuário celestial e do juízo investigativo, e o ponto decisivo para esclarecer o desapontamento de 1844.

A única fonte a mencionar a visão de Edson é um fragmento de manuscrito do próprio Edson, que provavelmente foi escrito décadas depois. Burt afirma que publicações adventistas só fizeram referência à experiência de Edson, no milharal, depois de sua morte, em 1882. Uma longa carta de Edson escrita em maio de 1845, e publicada pelo *Jubilee Standard*, não faz referência à questão do santuário nem a uma visão. Se ele teve uma visão logo após o desapontamento e a tivesse usado para estabelecer uma doutrina, essa visão teria sido divulgada rapidamente, uma vez que esse era um grande problema a ser superado por aqueles crentes. Mas, nesse caso, eles teriam descoberto uma verdade revelada por meio de outra revelação e não pelo estudo das Escrituras. Deus não revela de forma sobrenatural o que podemos aprender por nós mesmos por meio da Bíblia.

O artigo “A lei de Moisés” foi publicado somente em 07/02/1846, numa edição extra do *Day-Star*, um ano e meio após o desapontamento.

Até esse tempo os adventistas estiveram discutindo e buscando uma solução para o caso. Burt considera uma tradição a ideia de que uma visão teria dado início a essa doutrina, e propõe que Edson pode ter tido um *insight*, no contexto de seus concentrados estudos sobre o tema, cuja data pode ter sido deslocada no registro que menciona o fato, já que foi feito muito tempo depois.

Ellen White afirma que, após o desapontamento, seguiu-se “cuidadosa investigação das Escrituras, de todos os textos que tocavam neste assunto”, por parte de Hiram Edson, Hahn e Crosier, os quais eram íntimos associados. “A então extensa apresentação [A lei de Moisés], bem comprovada pelas Escrituras, levou esperança e coragem ao coração deles, ao mostrar claramente que o santuário devia ser purificado ao fim dos 2.300 dias no Céu e não na Terra, como haviam crido então” (*Cristo em Seu Santuário*, p. 9). Em abril de 1847, ela falou sobre o artigo de Crosier, acerca do santuário: “O Senhor me mostrou em visão, passado mais de um ano, que o irmão Crosier tinha a verdadeira luz sobre a purificação do santuário”, e que “foi de Sua vontade que o irmão Crosier escrevesse a compreensão que ele nos apresentou no *Day-Star* extra, em 7 de fevereiro de 1846. Sinto-me inteiramente autorizada pelo Senhor a recomendar este extra a cada fiel” (*A Word to the Little Flock*, p. 12).

Mais tarde, Ellen White afirmou que seu esposo, José Bates, Stephen Pierce, Hiram Edson e outros “achavam-se entre os que, expirado o tempo de 1844, buscavam a verdade como a tesouros escondidos”, com oração e estudo fervoroso (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 206).

Esse fato encarece a ideia de que as Escrituras são a única e suficiente fonte no entendimento da vontade de Deus. Sugere também que visões foram dadas a Ellen White a fim de confirmar ou ampliar as descobertas feitas e validar os pontos doutrinários alcançados mediante oração e

estudo exaustivo das Escrituras, a não ser em casos de temas não revelados até então.

A convicção de que nenhuma crença adventista veio por outro meio senão o estudo da Bíblia também fortalece a noção de que ela é uma fonte completa e inesgotável na revelação da vontade de Deus. Cada tópico acerca da fé e do viver cristão está revelado de forma direta ou indireta, sendo necessário, da parte humana, empenho em garimpar e perscrutar as coisas profundas de Deus, em oração e submissão ao Espírito Santo.

“Na doação do Espírito, a Palavra encarnada e Palavra escrita são colocadas em plena identificação”

A essencialidade das Escrituras

No capítulo intitulado “Nossa única salvaguarda”, no livro *O Grande Conflito*, Ellen White provê algumas linhas-mestras do que pode ser chamado de visão adventista das Escrituras. A tônica desse capítulo é a necessidade da igreja de identificação com a verdade no contexto da crise final.

Ela diz que “o povo de Deus é encaminhado às Santas Escrituras como a salvaguarda contra a influência dos falsos ensinadores e do poder ilusório dos espíritos das trevas”, no contexto do auge do engano. “Tão meticulosamente a contrafação se parecerá com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos sem o auxílio das Escrituras Sagradas”. Por isso, “pessoa alguma, a não ser os que fortaleceram o espírito com as verdades da Escritura, poderá resistir no último grande conflito” (*O Grande Conflito*, p. 593).

Esse capítulo talvez seja a mais eloquente exaltação da Palavra de Deus. Com base nele, pode-se dizer que o adventismo defende a experiência pessoal e individual com a Palavra de Deus como essencial na vida cristã. Essa experiência com a

vontade divina revelada nas Escrituras é indispensável, intransferível e insubstituível. Nesse sentido, as parábolas das dez virgens e a da videira se tornam um pano de fundo para as palavras da mensageira do Senhor.

As Escrituras são a fonte na provisão do azeite, símbolo do Espírito de Deus que traz discernimento e visão espiritual capaz de reconhecer a verdade e separá-la do erro, razão pela qual ela precisa ser independente e plena de autoridade. Assim, é preciso defender a completa independência da Palavra escrita de Deus, em relação à tradição, experiência pessoal, ciência, filosofia e mesmo à teologia, que também é uma ciência.

Diz Ellen White: “Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas”. “As opiniões de homens ilustrados, as deduções da ciência, os credos ou decisões dos concílios eclesiais... nenhuma destas coisas, nem todas em conjunto, devem ser consideradas como prova em favor ou contra qualquer ponto de fé religiosa. Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir em seu apoio um claro ‘Assim diz o Senhor’” (*Ibid.*, p. 595).

Contra o relativismo

Nesse sentido, é bastante atual sua recomendação quando as ciências e a experiência ou a vontade individual tendem a se sobrepor ao que Deus diz em Sua Palavra. Há evidências, lógica e bom senso no saber científico e na experiência pessoal, mas só o claro “Assim diz o Senhor” serve como luz para o caminho num mundo dominado pelo engano, nesses últimos dias.

Deus fala por Sua Palavra de forma clara, simples e direta. As sentenças da Palavra escrita são como a voz de Deus nos falando. Ellen White afirma que “a linguagem da Bíblia deve ser explicada de acordo com o seu sentido óbvio, a menos que seja empregado um símbolo ou figura” (*Ibid.*, p. 599). Ela diz que a

verdade é “claramente revelada na Escritura Sagrada”, mas os homens a envolvem “em dúvida e trevas”, ensinando que “as Escrituras têm um sentido místico, secreto, espiritual, que não transparece na linguagem empregada”; mas, estes tais “são falsos ensinadores” (Ibid., p. 598).

A declaração de que “apenas os que forem diligentes estudantes das Escrituras, e receberem o amor da verdade, estarão ao abrigo dos poderosos enganos que dominam o mundo” (Ibid., p. 625) é de valor imensurável nestes dias de relativismo e de verdades plurais. Num mundo que cultua a tolerância e o politicamente correto, tem se tornando comum encarar a verdade como

“Quando quer que se afirme que uma declaração das Escrituras possa ser entendida de forma conservadora ou liberal, está se instituindo o relativismo”

questão de ponto de vista, de interpretação e de paradigmas.

A divisão de opiniões acerca da vontade de Deus em termos de uma ala conservadora e outra liberal, na igreja e no mundo, é uma sutileza dos nossos dias, contra a qual a igreja deve estar alerta. Quando quer que se afirme que uma declaração das Escrituras possa ser entendida de forma conservadora ou liberal, está se instituindo o relativismo. Cristo afirmou, em contraste com os mestres da lei, que a vontade de Deus é revelada em claros “sim, sim” e “não, não” (Mt 5:37), e o que passa disso provém do maligno. Não pode haver duas opiniões certas ou aceitáveis acerca de um mesmo ponto de fé e prática, sem que nos tenhamos mergulhado no relativismo pós-moderno.

No contexto pós-moderno, alguém pode argumentar que o conjunto de fé e prática da igreja adventista

seja resultado de uma interpretação e não a “verdade” dada ao povo remanescente. No entanto, o que constitui a mensagem adventista e a “verdade” é a libertação da Bíblia em relação à tradição e às interpretações pessoais que se haviam sobreposto às Escrituras ao longo de séculos do grande conflito. A mensagem adventista não é a *nossa mensagem* ou uma *interpretação* que fazemos da Bíblia. É a própria voz de Deus falando por Sua Palavra escrita, então livre da tradição e dos dogmas humanos.

Experiência individual e inteligente

A igreja adventista nasceu como movimento de ruptura com a tradição, com a vontade particular e com todas as demais fontes externas que se sobrepunham às Escrituras como a Palavra viva de Deus. Essa igreja prega a necessidade de uma experiência pessoal e individual de cada crente com a Palavra. Não basta que se aprenda acerca de Deus na igreja, com os pastores e lendo livros. Cada crente precisa aprender por si mesmo a vontade de Deus, por meio de Sua Palavra.

De acordo com Ellen White, é estratégia de Satanás levar os crentes “a olhar para os bispos, pastores, professores de teologia como seus guias, em vez de examinarem as Escrituras a fim de por si mesmos, aprenderem seu dever” (Ibid., p. 595). Nesse capítulo do livro, ela usa as expressões “por si mesmos” e “por nós mesmos” diversas vezes, enfatizando a experiência individual com a Palavra de Deus como sendo indispensável e insubstituível.

Essa experiência não é emocional nem formal. É viva, direta, inteligente e transformadora. Enquanto estuda as Escrituras, o crente não busca apenas uma experiência emocional que o faça se sentir feliz e confiante, confortado e tocado nos sentimentos. Em vez disso, essa experiência o envolve como um todo indivisível, incluindo intelecto, que deve ser esclarecido e instruído com a verdade revelada.

Somos aconselhados a “exercer todas as faculdades do espírito no estudo das Escrituras, e aplicar o intelecto em compreender as profundas coisas de Deus”. Isso deve ser buscado “com espírito humilde e dócil para obter conhecimento do grande Eu Sou” (Ibid., p. 599).

A verdade não produz necessariamente um efeito de bem-estar emocional, embora isso possa resultar do conhecimento dela. A verdade é uma Pessoa e se desdobra num conjunto de pressuposições e conceitos que desafiam nossa inteligência. Para muitos cristãos, a verdade se esgota na identificação com a pessoa de Cristo. Mas, deve-se notar que, a pessoa de Cristo independente da vontade objetiva dEle, pode se tornar um conceito emocional alheio à revelação.

“A verdade e a glória de Deus são inseparáveis”, diz Ellen White. Por isso, “é-nos impossível, com a Bíblia ao nosso alcance, honrar a Deus com opiniões errôneas” (Ibid., p. 597). Nesse sentido, “o primeiro e mais elevado de todo ser racional é aprender das Escrituras o que é a verdade, em então andar na luz (Ibid., p. 598).

Em contraste com a “teologia do encontro” que prega uma religiosidade que se expressa no mero sentimento de uma relação pessoal com Cristo, destituída de verdades proposicionais, o adventismo entende que “Deus nos deu Sua Palavra para que pudéssemos familiarizar-nos com os seus ensinamentos e saber, por nós mesmos o que Ele requer de nós” (Ibid., p. 598); e conhecer e viver as verdades espirituais capazes de “surpreender o enganador em seu disfarce” nos últimos dias (Ibid., p. 625).

Não há reavivamento sem restauração da verdade e ruptura com as tradições e opiniões particulares que se sobrepõem à Palavra de Deus. Opiniões pessoais, pretendido bom senso, tradições, costumes seculares, relativismo e vontade individual precisam dar lugar ao “Assim diz o Senhor” em cada ponto de fé e prática. ▀



O remanescente no Novo Testamento

“Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar contra os restantes de sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”

O conceito de remanescente é bastante desenvolvido no Antigo Testamento.¹ Os profetas usavam esse termo referindo-se ao que restava do povo depois de uma catástrofe, ou ao grupo de fiéis preservados em meio a uma apostasia generalizada. Os quatro substantivos mais usados (*sr*, *ytr*, *plt* e *srd*)² expressam, em seu conjunto, a ideia de resto, sobra ou sobrevivente. Isso poderia ter uma conotação negativa, em que nem o restante eventualmente sobreviveria; ou positiva, em que haveria descendência ou futuro.

No Novo Testamento, não há uso exaustivo de palavras técnicas como no Antigo Testamento. Alguns advogam que a noção de remanescente está implícita nos evangelhos com fortes associações ao Antigo Testamento; porém, sem um termo grego que a caracterize.³ Mas existem significativas referências em Romanos 9-11, onde são usados os termos

hupóleimma (Rm 9:27) e *leimma* (Rm 11:5). Outro termo, *loipos*, aparece muitas vezes em Apocalipse, descrevendo certos grupos de pessoas. Há também *kataloipos*, derivado de *loipos*. Há outras ocorrências dessas palavras no Novo Testamento, mas em contextos sem significado teológico específico.

Nos evangelhos e em Atos

Um ponto de partida para o conceito de remanescente no Novo Testamento é o nascimento de Cristo, que foi remanescente da matança dos bebês, ordenada por Herodes (Mt 2). Seus pais fugiram para o Egito e voltaram em cumprimento das palavras do profeta Oseias (Os 11:1; Mt 2:15). Assim, Jesus atualizou e completou o que Deus tinha previsto para Seu povo.⁴ A mesma coisa aconteceu na época da tentação no deserto (Mt 4; Mc 1:12, 13; Lc 4) até a semana da paixão (Lc 9:31).

A pregação de João Batista também contém elementos significativos. Da multidão que o ouvia saíam aqueles que viveriam em harmonia com as expectativas relacionadas ao Messias. Em Mateus 3, seu discurso destaca máximas morais que definem o povo de Deus, independente da moldura étnica (Mt 3:8-10). O povo preparado por João é reunido em torno do Messias, mais digno e poderoso que o precursor, capaz de separar o joio do trigo (Mt 3:11, 12).

Jesus Cristo caracterizou Seu povo por meio de comparações. Mateus 5:13 apresenta o sal como símbolo desse povo em contraste com o mundo. A quantidade do uso do sal era proporcional ao grupo de discípulos (poucos) que até aquele momento O seguiam. Porém, Jesus não enfatizou o fator numérico, mas a qualidade do sal: a capacidade de salgar. Perdendo essa capacidade, como recuperá-la? A qualidade do povo reunido por Cristo

é importante para Ele; é um remanescente positivamente distinto do mundo, mas trabalha em favor dele.

O remanescente existe por iniciativa divina, não por meio de escolha arbitrária. Ser parte do remanescente é uma escolha oferecida ao ser humano. Jesus ilustrou isso com o relato das portas estreita e larga (Mt 7:13, 14). O caminho que conduz a elas está disponível para todos; mas são poucos (*oligoi*) os que encontram a porta que conduz à vida. A raiz *oligos* é de caráter técnico nos lábios de Jesus. Salvo por uma passagem,⁵ todas aludem aos “poucos” que O aceitam: obreiros diligentes, escolhidos e fiéis.

Em Mateus, há uma linha temática sobre o pastor messiânico que reúne o povo em torno de Si. Mateus 2:6 usa Miqueias 5:2-4 para falar de Aquele que apascentaria Israel. A imagem do pastor aparece novamente em Mateus 9:36; 25:32, 33; 26:31. A primeira e a última referências destacam pensamentos e palavras de Jesus. Ele tem compaixão pelas multidões dispersas, e anuncia que elas serão dispersas porque o pastor lhes será tirado. Então, encontramos Mateus 25, onde ovelhas e cabritos são separados. Qualquer ação discriminatória será operada com base nas decisões de quem foi chamado por Jesus.

Os capítulos 21 e 22 de Mateus partilham algumas ideias em comum. Eventos, discursos, debates e parábolas destacam um fato negativo: o povo e seus dirigentes, em sua maioria, não haviam frutificado nem reconheciam o Messias. Por antítese, o remanescente reunido pelo Messias adora corretamente a Deus (Mt 21:12-16), tem uma fé que frutifica (Mt 21:18-22; 21:43) e reconhece a autoridade de Cristo (Mt 21:23-37; 22:3) ao fazer a vontade de Ele (Mt 22:28-32; 22:12).

Mateus ecoa uma das primeiras referências do conceito de remanescente: Noé (Mt 24:37; Gn 7:23),⁶ que representa o remanescente visível, num cenário social semelhante ao dos tempos antediluvianos, mas nos dias que antecedem à segunda vinda de Cristo.

Outra passagem significativa é Lucas 12:32.⁷ A expressão “pequenino rebanho” desenvolve seu significado no plano qualitativo. Reflete a proximidade e intimidade com Aquele que nos salva. Essa noção é comunicada pela ideia do Reino, que se manifesta com o cuidado divino expressado nos versículos antecedentes (22-31), bem como na consumação do plano da salvação. Ao aplicar a expressão “pequenino rebanho” aos discípulos, Jesus os declarou como o núcleo do novo Israel.⁸

“Embora Jesus não buscasse o exclusivismo, muito menos propunha uma comunidade sem identidade”

A formação de um grupo sectário era alheio ao ministério de Jesus (Mc 9:38-40). Alguns teólogos interpretam isso como prova de que Ele não tinha interesse na formação de um remanescente. Porém, isso se deve a uma definição arbitrária de remanescente: a de uma comunidade fechada e exclusiva.

Embora Jesus não buscasse o exclusivismo, muito menos propunha uma comunidade sem identidade. Das noções do Antigo Testamento sobre o remanescente, é possível se adotar essa identidade. Hasel as resume como sendo os que têm sobrevivido aos juízos diretos de Deus, por meio de catástrofes ou invasões inimigas. Aqui, os aspectos positivos e negativos do remanescente são conjugados entre os que se salvam/permanecem e os que se perdem.⁹

A mesma ideologia está presente no evangelho de João. No diálogo com Nicodemos, Jesus assinalou que tinha vindo salvar o mundo, porém haverá quem será condenado por não crer nele (Jo 3:17-20). O convite de Jesus é amplo, mas a decisão individual pode precipitar um juízo negativo, resultando em que somente alguns permanecem na comunidade cristã: um remanescente.

Em Atos 15:17, há uma referência intertextual ao remanescente. Tiago cita Amós 9:11, 12, aplicando as palavras de Amós à conversão dos gentios e sua inclusão na igreja, o remanescente messiânico.

Até aqui, observamos uma dinâmica um tanto inversa ao Antigo Testamento. À medida que o povo de Israel aumentou e se afastou de Deus, o remanescente se tornou mais claro no sentido quantitativo; poucos eram os fiéis e sobreviventes. Porém, nos evangelhos e no livro de Atos, observa-se um quadro diferente de um movimento crescente: apóstolos, os setenta, a igreja, conversos gentios e assim por diante. O remanescente cresce, mantendo sempre a mesma qualidade, ou seja, pessoas salvas por Jesus.

Escritos paulinos

Paulo usa termos técnicos para “remanescente” (Rm 9:27; 11:5), mas desenvolve a ideia de um povo especial e santo em quase todas as epístolas: uma igreja “santa” e chamada por Cristo.

Romanos 9:27 é precedido por uma referência a Oseias 2:23; 1:10, que apoia a inclusão dos gentios entre o povo de Deus.¹⁰ Na mesma passagem, Paulo cita Isaías 10:22, que propõe a permanência de um remanescente. Essas referências formam a base da teologia de Paulo nos capítulos 9 a 11.¹¹ A inclusão dos gentios e a exclusão de grande parte de Israel se fundamentam em um princípio: fé em Cristo; não nas obras da lei (Rm 9:30, 31).

Romanos 11:5 está no meio de uma seção composta pelos versos 1 a 10. Paulo pergunta se Deus rejeitou Seu povo, e responde: “não”. O apóstolo apresenta o remanescente como prova de que Deus não rejeitou Seu povo, respaldando-a com seu exemplo: ele mesmo era israelita e salvo pela graça (Rm 11:1, 6). Paulo e o remanescente são comparáveis àqueles a quem Deus tinha reunido anos antes ao profeta Elias (v. 3, 4; cf. 1Rs 18, 19). Ainda que não fosse

único, Israel tinha um fundamento étnico para sua escolha,¹² embora esse fator já não seja significativo – tanto judeus como gentios podem compor o remanescente.

No Apocalipse

Mueller divide as passagens apocalípticas sobre o remanescente (*loipos*) em dois grupos em função de sua relação com a igreja.¹³ sem relação (Ap 8:13; 9:20; 11:13; 19:21; 20:5), e em conexão com ela; em sentido negativo (Ap 3:2; 11:13) e positivo (Ap 2:24:12:17). Ele se concentra no último grupo, particularmente em 12:17. Porém, não devemos excluir Apocalipse 3:4, apenas porque usa *oligos* e não *loipos*. Analisemos essa passagem com Apocalipse 2:24; 12:17.

Apocalipse 2:24 faz parte da mensagem à quarta igreja. O período era a Idade Média, tendo-se iniciado os 1.260 anos. O paralelo com os selos nos leva ao cavalo amarelo, representativo de um tempo de generalizada apostasia da verdade.¹⁴ Contudo, uns poucos, “os demais” (*tois loipois*), não participavam dessa “doutrina” nem conheciam “as coisas profundas de Satanás”. Além do significado semântico de *loipois*, o texto destaca a qualidade de ter (“tendes”) o que os afasta das doutrinas de Jezabel.

Apocalipse 3:4 é parte da mensagem à igreja de Sardes, representativa da igreja cristã até o fim dos 1.260 dias.¹⁵ Conflitos entre os cristãos ameaçavam debilitar a verdade da justificação pela fé, cuja manutenção era a luta do remanescente. Apesar disso, “umas poucas pessoas” se mantinham firmes. É significativo que o idioma grego use *oliga onomata* (poucos nomes), em vez de “poucas pessoas”: Deus as conhece individualmente.¹⁶

Então, temos a clássica passagem de Apocalipse 12:17, dentro da unidade representada pelos capítulos 12 a 14.¹⁷ O texto descreve como *loipos* o que restou da descendência da mulher, enfatizando que o dragão não mais a persegue, mas persegue o restante da descendência dela. Esse restante surge

em um momento definido; por isso é histórico ou visível.¹⁸ É caracterizado por guardar os mandamentos e ter o testemunho de Jesus Cristo.

Na primeira característica, a identificação é direta: a lei de Deus que, no Apocalipse, jamais aparece sem Jesus (Ap 12:17; 14:12; 22:14). A segunda tem que ver com o testemunho dado por Jesus. Dois textos são esclarecedores: Apocalipse 19:10; 22:9. Eles identificam o testemunho dado por Jesus como a essência da mensagem profética e a manifestação do dom profético. O remanescente tem essa mensagem profética e é responsável por comunicá-la. Nesse sentido, o “testemunho de Jesus Cristo” é um testemunho sobre Ele.

Apocalipse 14:12 é igual a Apocalipse 12:17, assinalando que o remanescente é perseverante, guarda os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. “Testemunho de Jesus” é sinônimo de “fé de Jesus”. Usa-se “santo” como símile de remanescente. Apocalipse 13:10 assinala a perseverança e a fé como qualidades do remanescente. Sua perseverança e sua fé têm sido provadas na proclamação da tríplice mensagem angélica. Apocalipse 13:18 diz que o remanescente “tem entendimento”; por isso é capaz de discernir entre a verdadeira e a falsa adoração.

Assim, podemos resumir as características do remanescente: guarda os mandamentos e a fé ou o testemunho de Jesus, é perseverante, santo e entendido/sábio.

Inclusão qualitativa

No Novo Testamento, o remanescente tem início em Jesus. João Batista participou no preparo desse evento, chamando o povo de Israel aos critérios da comunidade messiânica. O remanescente não é um grupo fechado ou exclusivo, mas aberto. Essa abertura está diretamente relacionada com o convite gracioso de Jesus, que pode ser aceito ou rejeitado. Quem primeiro o aceitou foram os apóstolos, formando o núcleo da nova comunidade. A eles se somaram judeus e gentios

convertidos a Cristo. O remanescente não é étnico-missionário, mas cristocêntrico-missionário; ou seja, o “resto” quantitativo é eclipsado pelo qualitativo. O remanescente cresce, sob a condição de redimidos em Cristo e Sua verdade.

Esse remanescente é visto ao longo da História, mas o Novo Testamento destaca seu papel escatológico. É nesse período que ele tem uma visibilidade maior que em qualquer outro momento da História. A fé demonstrada pelo remanescente baseia-se na mensagem profética do Antigo e do Novo Testamento (mandamentos e testemunho de Jesus). Esse grupo luta e triunfará, razão pela qual Deus o tem habilitado com perseverança e abençoado com sabedoria. ■

Referências:

- ¹ Gerhard Hasel, *The Remnant: The History and Theology of the Remnant Idea from Genesis to Isaiah* (Berrien Springs: Universidade Andrews, 1972), v. 5.
- ² Lester V. Meyer, *Anchor Bible Dictionary* (Nova York: Doubleday, 1992), v. 5. P. 669, 670.
- ³ Ben F. Meyer, *Journal of Biblical Literature*, 84, n° 2 (1965), p. 129.
- ⁴ Tracy Howard, *Bibliotheca Sacra* 143, n° 572 (1986), p. 322.
- ⁵ Ver Mt 15:34; 7:14; 9:37; 22:14; 25:21, 23.
- ⁶ Gerhard Hasel, *Op. Cit.*, p. 135, 136.
- ⁷ Ben F. Meyer, *Op. Cit.*, p. 123.
- ⁸ Hans LaRondelle, *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown: Review and Herald, 2000), p. 864.
- ⁹ Gerhard Hasel, *Op. Cit.*, p. 386, 387.
- ¹⁰ John Stott, *Romans: God's Good News for the World* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1994), p. 274, 275.
- ¹¹ Leon Morris, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987), p. 369.
- ¹² William Sanday e Arthur Headlam, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans* (Edinburgh: T&T Clark Ltd, 1980), p. 313.
- ¹³ Ekkehardt Mueller, *Journal of the Adventist Theological Society* 11, (2000), p. 188.
- ¹⁴ Hans LaRondelle, *How to understand the End-time Prophecies* (Sarasota: Fist Impressions, 1997), p. 127.
- ¹⁵ Mario Veloso, *Apocalipsis y el Fin del Mundo*, p. 108-110.
- ¹⁶ Simon Kistemaker, *New Testament Commentary: Exposition of the Book of Revelation* (Grand Rapids: Baker Books, 2001), p. 152.
- ¹⁷ Kenneth A. Strand, *Interpreting the Book of Revelation* (Naples: Ann Arbor Publishers, 1979), p. 43-52.
- ¹⁸ Ángel M. Rodríguez, *Pensar la Iglesia Hoy: Hacia una Eclesiología Adventista* (Libertador San Martín: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002), p. 278.



Professor e diretor do Departamento de Antigo Testamento na Universidade Andrews, Estados Unidos

Interpretação sem distorção

A Bíblia deve ser estudada com o máximo cuidado, como sendo a própria revelação de Deus à humanidade

O estudo dos princípios e procedimentos básicos para uma fiel e acurada interpretação das Escrituras é chamado de hermenêutica bíblica. Esses princípios interpretativos foram restabelecidos pelos reformadores protestantes do século 16. Então, combinados com

os avanços das análises textual e gramático-histórica realizadas durante a era do Renascimento, conduziram a uma sólida hermenêutica protestante que tem sido transmitida desde a imediata época pós-Reforma até hoje. Normalmente conhecido como método gramático-histórico



(ou bíblico-histórico), essa abordagem da Escritura é adotada frequentemente pelos cristãos evangélicos conservadores, incluindo os adventistas do sétimo dia.

Princípios

Há quatro princípios fundamentais para interpretação bíblica, que resultam ou procedem da evidência escriturística. O primeiro é aquele que se tornou o “grito de guerra” da Reforma Protestante, ou seja, o princípio *sola Scriptura* (“somente pela Escritura”). Esse princípio estabelece que somente a Bíblia tem a precedência sobre qualquer outra fonte de autoridade e constitui o fundamento e teste autossuficiente para todo conhecimento e experiência adicional (Is 8:20; Mt 15:3, 6).

O segundo é o princípio *tota Scriptura*, o qual estabelece que “toda a Escritura”, a totalidade do Antigo Testamento e do Novo Testamento, é inspirada por Deus, literalmente “soprada por Deus”, sendo assim completamente autoritativa (2Tm 3:16, 17). A Bíblia é uma união inseparável do divino e do humano. Em sua inteireza, ela não apenas contém, mas equivale à Palavra de Deus (2Pe 1:19-21).

O terceiro princípio, a analogia da Escritura, estabelece uma unidade e harmonia fundamental entre as várias partes da Escritura, sendo que elas são inspiradas pelo mesmo Espírito. Devido a essa destacada unidade, a Bíblia é sua própria intérprete e os textos podem ser comparados entre si, a fim de que possamos compreender o ensino bíblico sobre algum tópico (Lc 24:27, 44, 45; 1Co 2:13). O significado das várias partes da Escritura é claro e segue diretamente para ser compreendido num sentido literal, a menos que uma aplicação figurada seja requerida (Jo 16:25, 26).

Finalmente, o quarto princípio estabelece que as coisas espirituais são discernidas espiritualmente (1Co 2:11, 14). Isso significa que o intérprete pode compreender corretamente as Escrituras somente através

da iluminação do Espírito de Deus que as inspirou. Também envolve a necessidade da transformação operada pelo Espírito Santo no coração do intérprete (Jo 7:17). Assim, que haja sincera oração para compreender, aceitar pela fé e obedecer a tudo o que dizem as Escrituras (Sl 119:33).

“A Escritura é universal e permanente em sua aplicação, a menos que ela mesma dê indicação específica limitada de aplicabilidade”

Diretrizes

Firmadas sobre esses princípios, diretrizes práticas são adotadas pelo método gramático-histórico para interpretação de passagens das Escrituras Sagradas. A primeira tarefa nessa interpretação é assegurar-se o intérprete de que o que está sendo estudado é, de fato, a Santa Escritura – tanto na língua original como em uma tradução moderna. Isso requer atenção para averiguar o texto original da Bíblia tão detalhadamente quanto seja possível, além da certificação de que esse texto esteja o mais fielmente possível traduzido numa linguagem moderna.

A Bíblia tem sido cuidadosa e meticulosamente preservada através dos séculos, e a variação que existe entre os muitos manuscritos é bem pequena. Entretanto, há variações mínimas, resultantes tanto de erros do escriba como de mudanças intencionais ocorridas durante a história da transmissão textual.

A ciência (ou arte) de recuperar o texto bíblico original é denominada estudo textual. O critério ou padrão final para todo estudo textual deve ser encontrado na própria Bíblia e deve ser considerado no contexto da unidade da Escritura.

Após o texto bíblico original ter sido averiguado, sua forma e conteúdo devem estar claramente representados numa tradução moderna.

Há vários tipos de tradução: formal – “equivalência palavra por palavra”; dinâmica – “equivalência significado por significado”; combinação de formal e dinâmica; e paráfrases interpretativas. Cada tipo tem precedente escriturístico bem como pontos negativos e positivos. Mas, as versões “equivalência palavra por palavra” são consideradas as melhores para um sério estudo da Bíblia.

A segunda diretriz no processo interpretativo envolve a compreensão do contexto histórico da passagem sob estudo. Esse contexto inclui os antecedentes históricos, autoria e data da passagem bíblica. Seguindo o testemunho escriturístico, o contexto histórico dos acontecimentos bíblicos deve ser aceito em seu valor acurado, bem mais fidedigno do que a história secular, porque ele é advindo de uma perspectiva onisciente divina.

O material do antecedente histórico da Escritura é acrescido da riqueza de iluminação provida pela literatura da antiguidade e as descobertas arqueológicas. Envolve história, cronologia, geografia e outros aspectos da cultura bíblica. A maioria das aparentes discrepâncias históricas entre o registro bíblico e a história secular tem evaporado à luz de estudos recentes, embora os eventos escriturísticos sejam basicamente aceitos por causa da fé na confiável Palavra de Deus.

A terceira diretriz hermenêutica específica envolve o contexto literário da Escritura. A Bíblia não é somente um livro de história, mas também um trabalho literário de arte. As delimitações de uma passagem precisam ser reconhecidas em termos de parágrafos, capítulos, passagens ou estrofes, para que seja possível saber como esse segmento se encaixa na fluência do principal tema da unidade da qual a passagem faz parte.

Também é necessário entender que tipo de literatura está em estudo. Isso inclui várias categorias, até mesmo de prosa e poesia. As seções poéticas da Escritura (aproximada-

mente 40% do Antigo Testamento e seções dispersas no Novo Testamento) são caracterizadas por modelos distintivos de paralelismo – contraste, sinônimo e síntese – e outras convenções literárias. As seções de prosa, particularmente narrativas bíblicas, têm sido objeto de estudos recentes, mostrando o trabalho artístico envolvido nessas narrativas. É preciso lembrar que existem tipos literários específicos, mais explicitamente identificados pela própria Bíblia, cada qual com suas características. Reconhecer esses tipos literários específicos é muito significativo para interpretação da mensagem transmitida.

Importante no contexto literário é a estrutura de uma passagem bíblica, a qual pode fornecer a chave para a linha de pensamento ou para o tema teológico central. A estrutura literária de uma seção da Escritura pode, às vezes, estar mais claramente delineada na passagem dos temas e subtemas. Deve-se permitir a estrutura literária emergir da Escritura, em vez de ser imposta artificialmente.

A quarta diretriz para interpretação da Bíblia é a análise verso a verso de uma passagem, com atenção à gramática, construção da frase e significado das palavras. Embora o ideal seja a completa familiaridade com as línguas bíblicas, muitas ferramentas de estudo estão disponíveis para introduzir o investigador a um modelo singular de sintaxe dos idiomas hebraico, aramaico e grego. É útil diagramar a passagem bíblica, a fim de captar a linha de pensamento. Deve-se prestar cuidadosa atenção às palavras-chave, estudando-as em seu contexto imediato (através de léxicos, concordâncias e comentários), tendo em vista a compreensão do exato significado.

Contexto teológico e significado da passagem compõem a quinta diretriz hermenêutica. Há vários métodos para estudo da Bíblia: abordagem livro a livro, exposição verso a verso, estudo tópico-temático, investigação a partir da perspectiva do

“grande tema central” da Escritura, e estudo estrutural-literário. Passagens problemáticas, especialmente as que envolvem questões da justiça de Deus (teodiceia) e supostos defeitos teológicos da Escritura, devem ser abordadas pelos importantes critérios dos princípios bíblicos.

Algumas partes da Escritura apontam inerentemente para um cumprimento além delas próprias, como em profecia e tipologia. Outras partes apontam para um significado mais amplo, além delas mesmas, como é o caso dos símbolos e parábolas. Cada um desses tipos de material teológico na Escritura chama para uma atenção especial; e da Escritura emergem os princípios para sua interpretação.

A diretriz final diz respeito à aplicação contemporânea dos materiais bíblicos. A partir do próprio testemunho escriturístico, torna-se evidente que a aplicação contemporânea procede naturalmente de sua interpretação teológica. A Escritura é universal e permanente em sua aplicação, a menos que ela mesma dê indicação específica limitada de aplicabilidade. Embora a revelação bíblica seja relevante para todos os tempos e culturas, ela foi também direcionada para uma cultura e um tempo particular. Assim, tempo e lugar devem ser considerados no contexto da aplicação. Aqui, mais uma vez, a própria Escritura provê o controle sobre quando é apropriado reduzir instrução específica para um princípio geral.

Análise versus crítica

O objetivo da interpretação das Escrituras é tornar prática a aplicação de cada passagem na vida pessoal. O investigador deve compreender isso. Acima de tudo, as Escrituras devem ser lidas e aceitas como a Palavra viva e ativa de Deus.

Em contraste com o método gramático-histórico, outro conhecido método de interpretação bíblica surgiu durante o Iluminismo (século 17), o qual se tornou conhecido co-

mo método crítico-histórico. Fundamentado nos métodos seculares da ciência histórica, esse método tem como pressuposição central o princípio racionalista do criticismo, ou “dúvida metodológica”. Segundo esse princípio, nada é aceito autoritativamente como palavra final; cada coisa deve ser investigada ou corrigida pela evidência racionalmente reexaminada. Nessa abordagem, a Bíblia sempre está aberta a correções; portanto, o intérprete humano é o determinante final da verdade. Sua razão é o teste final de autenticidade.

Recentemente, alguns eruditos têm tentado “reabilitar” o método crítico-histórico, removendo suas tendências antissobrenaturais e outras características, e reter o método com seu criticismo. A presença ou ausência do princípio fundamental do criticismo é o teste indicador do uso ou não da metodologia crítica. Alicerçada no próprio testemunho bíblico, a abordagem gramático-histórica rejeita o princípio do criticismo. Ela analisa, mas se nega a criticar a Bíblia; aceita como verdadeiro o texto da Escritura.

Oficialmente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem rejeitado o método crítico-histórico em favor do método gramático-histórico. Segundo a declaração da Comissão de Métodos de Estudo da Bíblia, votada no Concílio Anual de 1986, “mesmo o uso modificado do método [crítico-histórico] que retenha o princípio do criticismo o qual subordina a Bíblia à razão humana é inaceitável pelos adventistas” (*Adventist Review*, 22/01/1987, p. 18).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia ratifica a hermenêutica dos escritores bíblicos e da Reforma Protestante, e rejeita o método crítico-histórico do Iluminismo e seu posterior desenvolvimento. No espírito dos reformadores, os adventistas do sétimo dia buscam continuamente fundamentar todas as suas pressuposições e seus princípios de interpretação, fé e prática, sobre a autoridade absoluta da infalível Palavra de Deus. ■

Pastor na Associação
Catarinense

Escarnecedores ontem e hoje

*Raízes e perspectivas da pós-modernidade,
à luz dos escritos de Pedro*

Seus olhos sondam o ambiente ao redor. Não há portas, janelas, dutos de ventilação. O galpão é completamente fechado, não se ouve o menor ruído do lado de fora. Ninguém entra para incomodá-lo, fazer ameaças ou simplesmente manter algum tipo de contato. A realidade é exatamente como você a vê, o que está no ambiente presente e pode ser conhecido de forma objetiva; talvez nem exista um motivo, sequer um responsável pelo seu cativeiro. De qualquer forma, uma hipótese que tentasse explicar a situação não teria como ser comprovada.

Esse estranho quadro não descreve a situação de um refém sequestrado por criminosos, ou mantido em alguma prisão militar. O cativeiro descrito é onde se encontra o homem pós-moderno. A concepção da realidade, e a partir do período iluminista, atravessando a modernidade até o advento da pós-modernidade,

impede o homem de se realizar pessoalmente, aprisionando-o em um Universo vazio.¹ A única esperança existe em bases subjetivas, fantasiosas. A realidade é desesperadora.

Ao prevenir os crentes do primeiro século d. C. sobre a influência de certos escarnecedores, o apóstolo Pedro descreveu um tipo de raciocínio que vem prevalecendo há séculos no Ocidente (2Pe 3:3). Vamos acompanhar suas declarações, procurando traçar paralelos com o que enfrentamos em nossa época, esboçando sucintamente o desenvolvimento histórico do que veio a ser conhecido como pós-modernidade. Sem ter a intenção de apresentar minuciosamente toda a ideologia pós-moderna, fornecemos um quadro geral para habilitar todo seguidor de Jesus a lidar com os desafios desta época.

Quando as portas se fecharam

“Antes de tudo, saibam que, nos

últimos dias, surgirão escarnecedores zombando e seguindo suas próprias paixões. Eles dirão: ‘O que houve com a promessa da Sua vinda? Desde que os antepassados morreram, tudo continua como desde o princípio da criação’” (2Pe 3:3, 4, NVI).

As críticas à esperança na segunda vinda de Cristo repercutiam no fim da era apostólica. Não era simplesmente o aparente atraso de Jesus que pendia na balança; a própria impossibilidade de uma intervenção divina estava no cerne do argumento porque, para os críticos, “tudo continua como desde o princípio da criação”. A alegação sobre a falta de evidências de que um Deus superior atuasse no mundo físico minava o senso de alerta e preparo que Pedro evocou no contexto do julgamento iminente (1Pe 1:13; 2:23; 4:4,5; 5:1; 2Pe 2:4-16).

Essa visão dos críticos, conforme esboçada pelo apóstolo Pedro, de que não há intervenção divina na história

humana, não há um Deus a quem prestar contas, e de que tudo o que há é o que se apresenta no mundo físico o qual permanece inalterável, é compatível com os pilares do naturalismo, uma visão de mundo concorrente com a fé cristã. O naturalismo mudou o curso da História, levando o Ocidente da Idade Média à Idade Moderna. O fruto mais recente do naturalismo é o pós-modernismo.

Como o naturalismo surgiu no mapa do Ocidente, vindo a desbancar Deus de Seu lugar na consciência do indivíduo e de Seu papel como fundamento para a ordem social? De certa forma, o abandono de noções cristãs, entre as quais citamos Criação, Providência e Mordomia, se deu através do desenvolvimento tecnológico do homem no século 17, culminando na revolução científica, que, de forma curiosa, foi promovida dentro de uma mentalidade predominantemente cristã. O homem tratou de conceber o Universo como uma máquina em funcionamento. Bastava o conhecimento necessário sobre os mecanismos, para dominar a natureza. Deus passou a ter papel reduzido neste quadro: do “relojeiro” desinteressado em Sua obra, no deísmo, para uma crença desnecessária, no naturalismo ateu, sendo finalmente banido.

O homem se tornou o centro, com suas conquistas tecnológicas e seus sonhos com uma sociedade que colhesse os benefícios do conhecimento científico. Chegamos à modernidade, “um feixe de processos cumulativos que se reforçam mutuamente”, relacionados ao capital, à dinâmica do trabalho, aumento da autoridade política, fomentação de identidades nacionais, secularização, entre outras características “modernas”.² Com justiça, constatou o teólogo Hans Küng que foram atribuídas ao progresso “qualidades quase divinas, como eternidade, onisciência, onipotência e excelência... Nasceram a autodeterminação humana e o poder humano sobre o mundo – uma religião substituta para um número cada vez maior de pessoas”.³

Porém, essa revolução no pensamento ocidental desencadeou profunda dicotomia entre a realidade e a esperança, jamais superada pelos filósofos da Era Moderna. Para entender melhor essa questão, vamos averiguar mais de perto as premissas naturalistas em seus resultados práticos.

“A vida só faz sentido se o ser humano estiver aberto para a atuação do Deus que a Bíblia apresenta”

Demolindo alicerces

Ao adotar o naturalismo como bússola, a modernidade viu desvanecer os valores tradicionais do legado cristão ocidental. Pensemos na moralidade, nosso senso de discriminar ações entre corretas e incorretas. Sem a presença de um Deus pessoal, torna-se impossível determinar o que é o bem e o que é o mal. O raciocínio é simples: se Deus não se importa com o mundo, ou não existe, não temos ninguém a quem prestar contas, ninguém que nos veja (1Pe 3:8-12). Como disse alguém, “entre a primeira palavra da criação de Deus e a última palavra de Seu julgamento, nosso modo de viver é a nossa resposta à Palavra de Deus... o que fazemos então, quando ninguém a não ser Deus nos vê, é esse o verdadeiro teste de nossa responsabilidade”.⁴ Sem Deus, cai por terra o senso de mordomia cristã. Somos livres para viver da forma como bem entendermos.

Outro ponto que afeta a compreensão básica de moral tem que ver com o senso de propósito para a existência humana. Observe como o biólogo Richard Dawkins, conhecido partidário do naturalismo, fala sobre as implicações do evolucionismo sobre o senso de propósito: “O processo verdadeiro que dotou as asas e os olhos, os bicos, os instintos de procriação e todos os demais aspectos da vida de uma intensa ilusão de plano proposital está agora bem entendido.

É a seleção natural darwiniana. Nossa compreensão disso, de modo espantoso, chegou até nós recentemente, no último século e meio. Antes de Darwin, mesmo as pessoas instruídas que haviam abandonado as perguntas do tipo ‘por quê?’ com respeito às rochas, cursos d’água e eclipses ainda aceitavam implicitamente esse tipo de pergunta sempre que dizia respeito às criaturas vivas. Agora apenas os cientificamente analfabetos a fazem.”⁵

Em outro livro, Dawkins deixa claro que apenas os loucos depositariam “as esperanças de sua vida no destino final do cosmo”; para ele, “todo tipo de ambições e percepções humanas” regeriam nossa vida,⁶ em vez de algum senso de propósito transcendente, uma vez que a natureza é fruto do acaso e do trabalho cego da seleção natural.

Há sérias implicações no conceito naturalista de um Universo fechado, regido por forças impessoais. Se não existe propósito para a existência humana, e estamos fadados a ter no mundo físico a única realidade externa, acaba todo o fundamento para o estabelecimento de conceitos como bem e mal, já que num mundo manchado pelo pecado, eles andam de mãos dadas, somente podendo ser explicados e diferenciados por algum referencial externo ao próprio mundo (o que a Teologia chama de “revelação especial”, ou seja, a atividade profética que se acha registrada na Bíblia).

Além disso, se tudo quanto existe pode ser explicado pelas forças impessoais que atuam no Universo, segue que até a consciência humana é resultado dessas mesmas forças. Logo, menos claramente se pode distinguir entre ações boas ou más, porque todas são naturais, parte do comportamento do homem-máquina, preservadas pela seleção natural que garantiu nossa sobrevivência. Isso reforça a impossibilidade da responsabilidade pessoal por qualquer ato – mesmo aqueles que são caracterizados como crimes hediondos.⁷

Não surpreende que dois estudiosos darwinistas (um biólogo e um an-

tropólogo) tenham sustentado em um livro que o estupro é um comportamento natural!⁸ Tal suposição de que todo ato humano tem explicação natural leva, logicamente, ao caos social.

A falta de base para o conhecimento unificado (sobre nós, sobre o mundo e que caminhe rumo a algum senso de propósito para a vida) leva ao desespero. Por essa razão, torna-se impossível viver pelos resultados da proposta naturalista.⁹ Essa constatação criou várias contrapartidas ao naturalismo no decurso do século passado – do existencialismo à contracultura da década de 60. Nesse último caso, misticismo e drogas alucinógenas eram a forma de “abrir a mente” para uma nova realidade. Levando-se em conta que a realidade da ótica naturalista não poderia oferecer alicerce para nenhum tipo de esperança, restava o refúgio da utopia irracional.

Depois de flertes com a utopia mística, a última faceta do desespero humano desemboca na pós-modernidade.

A última estação

A mente pós-moderna desistiu da busca pela verdade absoluta – o que importa agora é a verdade útil, que funcione e traga satisfação individual. A verdade agora pertence à esfera privada, não mais pública.¹⁰ Dessa perspectiva, temos de encarar o surto de espiritualidade em anos recentes não como o reacender da chama da fé, mas como demanda para fugir das implicações naturalistas, sem, contudo, expressar rejeição à própria base do naturalismo que torna inócuas todas as esperanças para além do mundo físico. Cada pessoa pode mesclar os elementos religiosos de qualquer tradição, da forma como quiser, buscando alcançar conforto, embora esse conforto não passe de uma ilusão autoadministrada.

Sendo o cristianismo, particularmente os ramos protestante e pentecostal, uma religião de “conversão individual”, sua compreensão valoriza o “ingresso voluntário” na comu-

nidade.¹¹ Diante disso, a expansão da espiritualidade soa promissora para a expansão da fé cristã. Entretanto, esse “retorno da religião” fica condicionado pelo pós-modernismo à esfera do “privado, do íntimo, o que retira da religião a importância que tivera como matriz cultural totalizante”; a religião, assim limitada, perde “a capacidade de exercer influência sobre qualquer âmbito de relevância na vida social, limitando-se à esfera individual”. O novo conceito de cristianismo oferece não valores sólidos, mas “postos de oferta mágico-místico”. A religião cristã deixou de oferecer uma base racional, apenas para se tornar mais uma utopia irracional, uma fantasia conveniente.¹²

Em meio a tudo isso, acaso podemos dizer que o caminho do pós-modernismo seja satisfatório aos anseios da humanidade? O sociólogo Zygmunt Bauman compara modernidade e pós-modernidade a horizontes: na modernidade, a busca por coisas como “verdade absoluta”, “arte pura”, “ordem”, “certeza” e “harmonia” constitui o horizonte para o qual “quanto mais rápido se anda, mais velozmente” ele recua, restando o consolo de uma “ilusão sustentadora de um destino, propósito e direção”, que faz com que o caminhante imagine estar avançando para algum lugar. Mas, esse modelo enganoso de sucesso prometido pela modernidade deu lugar a algo não menos enganoso: na pós-modernidade, não existem padrões, exceto que “o consumo é a medida de uma vida bem-sucedida”, o que leva Bauman a concluir que “foi retirada a tampa dos desejos humanos”.

A substituição de modelos de vida pela busca de desejos e “sensações emocionantes” não leva o homem a maior grau de satisfação. Estamos novamente diante de uma linha de chegada que “avança junto com o corredor”.¹² Em outras palavras, na prática, modernidade e pós-modernidade falham em dar ao homem um senso de satisfação resultante de se alcançar o propósito final da

vida. A razão? Modernidade e pós-modernidade são edifícios erigidos sobre o alicerce do naturalismo, que “esvaziou” o Universo ao ignorar a existência e atuação de Deus.

Toda a crise oriunda da concepção de um Universo fechado resultou na supervalorização otimista do racionalismo, inicialmente, para gradativamente afluir no pessimismo e insuficiência do pós-modernismo. A única solução para o impasse do homem à beira da falta de sentido está na volta ao teísmo, única visão de mundo que oferece a presença de um Deus pessoal infinito, o que é capaz de prover a contento as necessidades humanas. É preciso entender que a vida só faz sentido se o ser humano estiver aberto para a atuação do Deus que a Bíblia apresenta, aceitando Sua completa soberania. ■

Referências:

- ¹ James W. Sire, *O Universo ao Lado: A Vida Examinada* (São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2004), p. 106.
- ² Jürgen Habermas, *O Discurso Filosófico da Modernidade* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998), p. 14.
- ³ Hans Küng, *A Igreja Católica* (Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2002), p. 190.
- ⁴ Os Guinness, *O Chamado: Uma Iluminadora Reflexão Sobre o Propósito da Vida e Seu Cumprimento* (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2001), p. 99, 101.
- ⁵ Richard Dawkins, *O Rio que Sai do Éden: Uma Visão Darwiniana da Vida* (Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1996), p. 91.
- ⁶ _____, *Desvendando o Arco-Íris: Ciência, Ilusão e Encantamento* (São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001), p. 9.
- ⁷ James Sire, *Op. Cit.*, p. 101-103.
- ⁸ Randy Thornhill e Craig T. Palmer, *The Natural History of Rape: Biological Bases of Sexual Coercion* (Cambridge, MA: MIT Press, 2000).
- ⁹ Francis Schaeffer, *A Morte da Razão* (São Paulo, SP: Aliança Bíblica Universitária do Brasil; São José dos Campos, SP: Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 1989), p. 44.
- ¹⁰ David Well em John Piper e Justin Taylor (organizadores), *A Supremacia de Cristo em um Mundo Pós-Moderno* (Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007), p. 26.
- ¹¹ Antônio Carlos Perucci, “A religião como solvente – uma aula”, http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/religiao_como_solvente.pdf, p. 10.
- ¹² Fabiana Luci de Oliveira, “O campo da sociologia das religiões: secularização versus a ‘Revanche de Deus’”, <http://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewPDFInterstitial/724/574>, p. 5-7, 11, 12.
- ¹³ Zygmunt Bauman, *Modernidade e Ambivalência* (Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1999), p. 17, 18.

Professor, jubilado,
reside na Austrália

São triteístas os adventistas?

O autor responde a contestações feitas ao seu livro sobre o trinitarianismo

Tendo publicado um livro de 850 páginas respondendo a objeções sobre a Trindade,¹ recebi um *e-mail* com a acusação de que a maioria dos adventistas do sétimo dia é triteísta. Embora eu tenha dedicado seis páginas do livro para argumentar contra o triteísmo,² fui desafiado por ter usado a palavra “Ser” para me referir à cada um dos membros da Divindade. Fiz isso porque senti que o uso excessivo da palavra “Pessoa” poderia levar a uma descrição demasiadamente humana de Deus.

Por exemplo, escrevi o seguinte: “Desde que há duas Pessoas ou Seres divinos, não há razão pela qual, em princípio, não pudesse haver uma terceira Pessoa ou Ser que também exista eternamente como Deus.”³

Isso é triteísmo?

O problema é que, embora o es-

tudo da Bíblia nos forneça conceitos básicos da unicidade e da triunidade de Deus, ele não fornece palavras para descrever esses conceitos aparentemente paradoxais. Uma possibilidade encontrada em Hebreus 1:3 se refere a Cristo como sendo Ele “a expressão exata do Seu Ser” (Hb 1:3). A palavra aqui traduzida como “Ser” é *hupostasis*, cujo significado é “pessoa” (Versão King James), “substância” (Versão Revisada), “natureza” (Versão Revisada Standard) e “Ser” (Nova Versão Inglesa).

De acordo com Robert Letham, Basil (330-379 a. D.) foi o primeiro escritor cristão a usar *hupostasis* para enfatizar a distinção dos membros da Divindade. A utilização feita por Basil denota que “Deus é triúno, abrindo assim o caminho para se falar da Trindade numa linguagem clara”.⁴

Essa terminologia foi tomada por outros e usada no Primeiro Conci-

lio de Constantinopla (381 a. D.), ocasião em que foi feita a seguinte declaração: “De acordo com essa crença, há uma Divindade, Poder e Substância do Pai, do Filho e do Espírito Santo; com iguais dignidade e majestade em três *hupostasis* perfeitos, isto é, três Pessoas perfeitas.”⁵

No idioma inglês, o conceito de “três *hupostasis*” tem sido tradicionalmente expressado como “três Pessoas”. Muitos escritores trinitarianos não se referem a “três Seres”, mas pelo menos um defensor do trinitarianismo argumenta que “a admissão de três Seres infinitamente perfeitos não implica a existência de mais de um Deus”.⁶

Embora o idioma grego tivesse um termo para se referir à triunidade de Deus, não tinha um para expressar Sua unicidade. Os cristãos gregos parecem ter tomado emprestado dos gnósticos,⁷ a palavra *homoousios*,

composta de duas partes (*homo* e *ousios*) e que significa “mesma substância” ou “mesma essência”.

Essa palavra ganhou notoriedade no Primeiro Concílio de Niceia (325 a. D.), e Eusébio, historiador da igreja, achou necessário explicar a seus leitores em Cesareia a adoção do termo *homoousios*.⁸ Quando se referiam à trindade e à unicidade de Deus, os gregos se sentiam justificados em usar as palavras *hupostasis* e *homoousios*; porém, a Escritura não fala se eles estavam corretos na maneira pela qual faziam isso.

Posteriormente, tentativas para traduzir essas duas palavras para outros idiomas suscitaram várias questões. Eruditos ingleses têm usado “Pessoa”, como tradução de *hupostasis*, e a frase “de uma substância”, como tradução de *homoousios*. Seriam essas as melhores expressões para descrever a trindade e unicidade de Deus? Onde cabe o termo “Ser”?

O problema com o uso de “Ser” parece datar dos tempos de Agostinho, que escreveu um famoso livro sobre a Trindade. Primeiramente, ele explicou o uso do termo “Pessoa”, dizendo o seguinte: “Quando você pergunta: ‘Três o quê?’, o discurso enfrenta uma grande carência de palavras. Assim, empregamos o termo ‘Pessoa’, não para dizer precisamente isso, mas para não ficar reduzidos ao silêncio.”⁹

Agostinho também explicou a razão pela qual ele não falava de “três Pessoas”. Ele disse: “Ao me referir a ‘Ser’, isso significa o que em grego é chamado *ousia*, que mais usualmente é chamado de substância.”¹⁰ Com essa definição, “não podemos chamar esses três juntos de uma Pessoa, como os chamamos de um Ser e um Deus, mas dizemos três Pessoas, embora nunca digamos três Deuses ou três Seres”.¹¹

Embora possa haver alguma coerência no que Agostinho argumentou em latim, o uso que ele fez de “Ser” em lugar de “substância” tem causado grande confusão, quando teólogos ingleses parecem ter seguido sua ideia nesse assunto. Por exemplo,

note a seguinte afirmação: “Entretanto, podemos e seguramente devemos dizer que as três Pessoas são integradas em um Ser e o único Ser está integrado nas três Pessoas divinas, tanto que não há um Ser à parte das três Pessoas, e não há três Pessoas divinas separadas do Ser único.”¹²

Esse tipo de linguagem confunde o leitor, porque a palavra “Ser” pode ser usada de várias maneiras. Em primeiro lugar, é muito usada como participio, como neste texto da versão bíblica *King James*: “Então José, seu marido, sendo um homem justo, e não querendo tornar pública a situação, secretamente planejou abandoná-la” (Mt 1:19). Em segundo lugar, na mesma versão, é usada como substantivo abstrato, sinônimo da palavra “existência”, conforme Atos 17:28: “Pois nEle, nós vivemos, e nos movemos, e existimos”. Finalmente, é usada como substantivo concreto, significando forma inteligente de vida, como “ser humano”, “ser angélico” ou “Ser divino”. Nesse sentido, a palavra “Ser” está mais perto do significado de “Pessoa” do que de “substância” ou *ousia*.

Agora, quando um numeral é colocado antes da palavra “ser”, como em “um ser”, ou “três seres”, o leitor se liga ao terceiro significado, ou seja, um substantivo concreto. O resultado é que, quando o autor diz que as três Pessoas da Divindade são “um Ser”, o leitor pode ver apenas uma expressão de modalismo. Essa heresia, uma das primeiras na igreja cristã, ensina que existe apenas “um Ser” que Se revela sequencialmente em um ou outro dos três modos: Pai, Filho e Espírito Santo.

As evidências parecem dizer que a causa do trinitarianismo poderia ter sido mais bem servida, se os teólogos ingleses tivessem conservado a declaração do credo apostólico: “de uma substância”,¹³ em vez de seguir o caminho estabelecido por Agostinho. Letham declarou que “hoje, na prática, muitos cristãos ocidentais são modalistas”.¹⁴ Posteriormente, ele afirmou: “Colin Gunton argumen-

tou que a tendência ao modalismo, herdada de Agostinho, reside na raiz do ateísmo e agnosticismo que tem confrontado a igreja ocidental de um modo que não acontece no Oriente”.¹⁵

“Há três Pessoas viventes do trio celestial... o Pai, o Filho e o Espírito Santo”

Opinião de Ellen White

Felizmente, os adventistas do sétimo dia têm a ajuda do Espírito de Profecia, através de Ellen G. White, para iluminar a compreensão de revelações que não parecem muito claras na Bíblia. Ela nos fornece descrições da trindade e da unicidade de Deus. A primeira declaração sobre unicidade foi feita em 1893: “Jesus disse: ‘Eu e o Pai somos um.’ As palavras de Cristo foram cheias de profundo significado, ao declarar que Ele e o Pai eram de uma substância, possuindo os mesmos atributos.”¹⁶

Embora Ellen White tenha sequenciado a expressão “de uma substância” com a afirmação “possuindo os mesmos atributos”, não há indicações de que a última frase dilua o significado da primeira. É verdade que “possuindo os mesmos atributos” deve ser parte do significado da frase “de uma substância”, mas isso é somente uma arte, como ela mesma indica na precedente expressão: “cheias de profundo significado”.

A frase “de uma substância” era muito comum entre os comentaristas bíblicos nos dias de Ellen G. White. Uma busca no Google retornou aproximadamente 19 mil resultados para livros publicados entre 1700 e 1893, com a frase “de uma substância”. Uma rápida sondagem mostrou que muitos desses casos eram descrições da Divindade. Quatro exemplos são suficientes:

O Livro Anglicano de Oração diz: “E em unidade desta Divindade há três Pessoas de uma substância, poder e eternidade.”¹⁷

Citando o reformador presbiteriano escocês John Knox, M'Gavin afirmou: "Ofereço-me inteiramente para provar que Jesus Cristo é de uma substância com o Pai."¹⁸

William Robinson, comentando a frase "de uma substância com o Pai", diz o seguinte: "Essa frase foi adotada pelo Concílio Niceno. Aqueles que a aceitaram foram reputados como ortodoxos; os que a rejeitaram foram reputados como heréticos."¹⁹

Como último exemplo, o escritor adventista A. T. Jones proveu um detalhe adicional a respeito do Concílio de Niceia: "Eusébio, bispo de Nicomédia, foi líder dos arianos que participaram no concílio [Niceia]. Nesse ponto, ele publicou uma carta na qual declarava que 'afirmar que o Filho não foi criado equivale dizer que Ele era de uma substância – *homouision* – com o Pai, e dizer que Ele era de uma substância era uma proposição evidentemente absurda.

"Isso deu ao grupo de Alexander e Atanásio a oportunidade que eles desejavam; tomaram a palavra sobre a qual eles tinham discutido com insistência durante muito tempo, inclusive tendo o chefe do grupo declarado que o uso daquela palavra era absurdo. Portanto, se eles insistissem na utilização dela, o grupo ariano estaria fora."²⁰

É significativo que Ellen G. White tenha publicado sua afirmação "de uma substância" justamente dois anos antes de Jones. Dificilmente ela não teria consciência de que seus leitores reconheceriam essa frase como a marca da ortodoxia trinitariana. Devemos estar particularmente agradecidos pelo fato de que ela tenha escrito essa declaração e a tenha colocado na revista *Sinais dos Tempos*, pois isso é um poderoso baluarte contra o triteísmo.

Embora tenhamos que ser agradecidos pela declaração mencionada, também devemos agradecer pelas descrições da trindade da Divindade, conforme a revelação que ela recebeu. Algumas dessas afirmações foram feitas em 1920:²¹

"Os três grandes poderes no Céu são testemunhas... a garantia das três Pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo."²²

"Você fez um compromisso na presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo – os três grandes Dignitários pessoais do Céu."²³

"As três grandes e gloriosas Personalidades celestiais estão presentes na ocasião do batismo."²⁴

"Há três Pessoas viventes do trio celestial... o Pai, o Filho e o Espírito Santo."²⁵

"Você está nascido para Deus, e está sob a sanção e o poder dos três santíssimos Seres no Céu, que são capazes de guardá-lo de cair."²⁶

"Recorro às três grandes Excelências e digo: 'Não posso fazer essa obra em minha própria força.'²⁷

Comparando as datas dessas afirmações, vemos que mais de três anos foram passados desde sua declaração referencial: "de uma substância", antes que ela começasse a enfatizar de maneira tão específica e marcante a tríplice natureza da Divindade. Isso é significativo.

Era importante que o povo de Deus fosse firmado na unicidade da Divindade como barreira contra o triteísmo, antes que ela começasse a enfatizar o outro lado do paradoxo, a trindade, como proteção contra o unitarianismo, modalismo e muito do atual antitrinitarianismo. Ao escrever sobre a trindade, Ellen G. White não tinha esquecido a unicidade, pois intercaladas com as declarações sobre trindade aparecem afirmações que preservam a unicidade, tais como as seguintes:

"Aqueles que são batizados no tríplice nome [singular] do Pai, do Filho e do Espírito Santo, no início de sua vida cristã."²⁸

"Depois que tivermos formado uma união com o grande tríplice poder [singular], deveremos considerar nosso dever para com os membros da família de Deus com muito mais sagrado respeito."²⁹

Nessas duas afirmações, Ellen G. White expressou maravilhosamente bem o conceito básico da Trindade,

uma união de unicidade e trindade.

Assim, considerando que, durante muito tempo, os adventistas têm mantido a clássica declaração apoiada por Ellen White de que a Divindade é "de uma substância", eles não podem ser acusados de ser triteístas. Nem há qualquer razão válida para não poder usar o termo "Ser", como sinônimo da palavra "Pessoa", em referência aos três membros da Divindade. ■

Referências:

- ¹ Glyn Parfitt, *The Trinity: What Has God Revealed? Objections Answered* (Warburton, Victoria, Austrália: Signs Publishing Company, 2008).
- ² *Ibid.*, p. 383-389.
- ³ *Ibid.*, p. 367.
- ⁴ Robert Letham, *The Holy Trinity: In Scripture, History, Theology and Worship* (Philipsburg: P&R Publishing, 2004), p. 149.
- ⁵ Synodical Letter of the First Council of Constantinople: Christian Classics Ethereal Library, 189, <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf214.ix.ix.html/>, 27/12/2010.
- ⁶ Timothy Dwight, *Theology: Explained and Defended in a Series of Sermons* (Nova York: G. and C. Carvill, 1830), v. 2, p. 8.
- ⁷ <http://www.answers.com/topic/homouousian/>, 19/12/2010.
- ⁸ Eusébio, *Letter to His Church at Caesarea*. Ver H. M. Gwatki, *Selections From Early Christian Writers* (Londres: James Clark & Co., 1958), p. 177-181.
- ⁹ Agostinho, *The Trinity* (Nova York: New City Press, 1991), p. 197.
- ¹⁰ *Ibid.*
- ¹¹ *Ibid.*, p. 232.
- ¹² Thomas F. Torrance, *The Christian Doctrine of God, One Being Three Persons* (Londres: T&T Clark, 1996), p. 24.
- ¹³ Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, v. 1, p. 456.
- ¹⁴ Robert Letham, *Op. Cit.*, p. 5.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 7.
- ¹⁶ Ellen G. White, *Signs of the Times*, 27/11/1893, p. 54.
- ¹⁷ The Book of Common Prayer, Church of England, p. 1716, 1765, 1838, 1892.
- ¹⁸ John Knox and William M'Gavin, *The History of the Reformation of Religion in Scotland* (Glasgow: Blackie & Son, 1832), p. 568.
- ¹⁹ William Robinson, *Biblical Studies* (Londres: Longmans, Gren and Co., 1866), p. 127.
- ²⁰ A. T. Jones, *The Two Republics: Or Rome and the United States of America* (Battle Creek, MI: Review and Herald, 1891), p. 348, 349.
- ²¹ Glyn Parfitt, *Op. Cit.*, p. 467-473.
- ²² *Seventh-Day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1957), v. 6, p. 1074.
- ²³ *Ibid.*, v. 7, p. 959.
- ²⁴ Ellen G. White, *Manuscript 45*, 14/05/1904, p. 10.
- ²⁵ *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, v. 7, p. 441, 442.
- ²⁶ Ellen G. White, *Manuscript Releases*, v. 7, p. 267.
- ²⁷ *Ibid.*
- ²⁸ *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, v. 6, p. 1075.
- ²⁹ *Ibid.*, p. 1102.

A GRANDE ESPERANÇA



Evangelismo via satélite com o Pr. Luís Gonçalves

19 a 26 de novembro
de Belo Horizonte para sua igreja



Participação especial
Arautos do Rei



Transmissão
Canal Executivo às 20h
www.esperanca.com.br

IMPACTO DOS DONS

Edinaldo Juarez Silva, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606, 155 páginas.

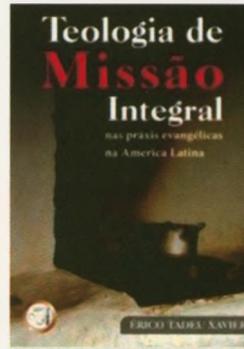


Cada cristão é uma peça do grande plano de Deus para estabelecer um reino de justiça e paz, usando a igreja como instrumento. Todos precisam encontrar seu lugar nesse plano. Para cumprir essa tarefa com êxito, o Senhor concedeu diferentes habilidades aos cristãos. Cada filho de Deus nasce em Seu reino, dotado da capacitação do Espírito Santo

para ser útil num ministério específico. Ninguém é deixado de fora desse programa divino. Ao ler este livro, você descobrirá o que a Bíblia ensina sobre os dons espirituais. E saberá como usá-los, ou ajudar outros a descobri-los e usá-los, no cumprimento da missão.

TEOLOGIA DE MISSÃO INTEGRAL

Érico Tadeu Xavier, Descoberta Editora, Londrina, PR, tel.: (43) 3343-0077, www.descoberta.com.br, 288 páginas.



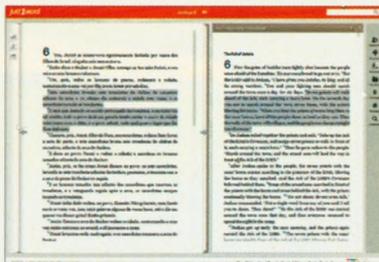
Aos estudiosos da eclesiologia e missiologia, bem como aos demais leitores, este livro oferece um estudo de caso com rigor acadêmico, enriquecido com informações sobre a contribuição dos adventistas do sétimo dia para o campo religioso brasileiro. O foco principal consiste em verificar e avaliar se o expressivo crescimento

das igrejas cristãs, sobretudo nas últimas décadas, atende ao princípio missiológico do “crescimento integral”. Portanto, é um livro que será de grande ajuda aos pesquisadores, pastores, teólogos e missiologistas.

VEJA NA INTERNET

www.just1word.com ♦ www.olivetree.com

Ter acesso a dezenas de versões bíblicas e a centenas de ferramentas para estudo e pesquisa da Bíblia no seu computador ou, de forma ainda mais prática, no seu *tablet* ou *smartphone*, é uma realidade atual para todos os pastores mais antenados. Os resultados dessas vantagens, quando bem utilizadas, são incalculáveis. Os dois endereços mencionados acima estão entre as melhores fontes desses conteúdos.



O **Just1Word** permite consulta online a todas as versões bíblicas, a partir de qualquer dispositivo, e se for através do computador é possível inclusive comparar duas versões lado a lado na tela. Com visualização muito agradável e convidativa à leitura, tem ótimos recursos de busca, notas, destaques, concordância, planos de leitura diária, etc. Em português, oferece a Almeida Corrigida Fiel e a Revista e Atualizada. Para usar offline, é preciso escolher e comprar as versões.



O **OliveTree** não oferece consulta online nem via computador, mas é imbatível na variedade e qualidade do conteúdo religioso que oferece para uso offline nos tablets ou smartphones, com muitos itens gratuitos. Quanto às versões em português, além das duas Almeida mencionadas acima, oferece também a NTLH e a NVI, e a Revista e Atualizada com os números de Strong. Estudar mais a Bíblia e pregar com muito mais poder é só o que falta. –

Márcio Dias Guarda



Marcos F. Bomfim

Diretor de Saúde e de Lar e Família da Divisão Sul-Americana

Sucesso na frustração

Acabiei de ler os dois livros do profeta Jeremias. Já os havia lido anteriormente, mas, por alguma razão, nunca me havia identificado tanto com o autor. Em primeiro lugar, pela sua profunda noção da própria incapacidade: “Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (Jr 1:6). Desde o início de meu ministério, também me persegue essa frustrante sensação de estar quase sempre correndo sem sucesso atrás de meus deveres e expectativas. Aparentemente, quanto mais trabalho, descubro mais coisas que não consigo fazer direito.

Como atender a todos os pedidos para visitação pastoral ou fazer as visitas não solicitadas, mas necessárias? Como dedicar tempo suficiente à família? Como satisfazer apropriada e plenamente os anseios de todas as congregações? Como equilibrar evangelismo e conservação de membros? Como desenvolver um relacionamento mais aproximado com cada líder de igreja e respectiva família? Como realizar e cumprir um planejamento apropriado, tomar o controle de minha vida e do trabalho em vez de viver apenas “apagando incêndios”? Como promover os projetos e alvos mais abrangentes propostos pelas organizações superiores da igreja? Como desenvolver um programa regular de estudo e crescimento pessoal? Acima de tudo, como desenvolver um programa regular de comunhão com Deus?

Algumas dessas coisas sempre estiveram aquém de meus padrões mínimos de aceitabilidade, e isso é extremamente frustrante, e pode ser insalubre! Mas, o pior de tudo é ter que eventualmente conviver com a frustração de outros a respeito de nosso ministério. Nisso também admiro Jeremias. Ele foi um pastor de grande sucesso, mas nunca soube disso! Perseverou durante toda a vida sob a pressão do descontentamento alheio.

A extrema impopularidade de sua mensagem pôs em risco a vida do profeta durante várias vezes, mas ele nun-

ca abandonou o ministério nem solicitou transferência de atividade. Talvez pudesse ter fugido, mas, até o fim, permaneceu no posto do dever. A motivação para o trabalho era o plano de Deus; e a esperança, Suas promessas: “A todos a quem Eu te enviar irás; e tudo quanto Eu te mandar falarás. Não temas diante deles, porque Eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor... Pelejarão contra ti, mas não prevalecerão; porque Eu sou contigo, diz o Senhor, para te livrar” (Jr 1:7, 8, 19).

Anos depois de ter saído de um distrito pastoral, eu soube que alguém havia liderado um abaixo-assinado sugerindo minha transferência daquele lugar. Caso, à época, eu tivesse tido conhecimento do fato, provavelmente

teria sucumbido à pressão emocional da noção de indignidade própria, aliada à provavelmente justa frustração de alguns dos membros daquela igreja para comigo. O fato é que Alguém convenceu o grupo a não entregar o documento, cumprindo assim a promessa: “Sou contigo

para te livrar, diz o Senhor.”

Experiências como essa têm sido úteis para mim, no ensinamento de que meus próprios sentimentos, ou mesmo os sentimentos de outros a meu respeito, não podem ser o principal critério para nortear o trabalho. A cada manhã devo buscar conhecer a vontade de Deus para mim. Devo desenvolver paciência para comigo e também para com as frustrações alheias a meu respeito (mesmo que sejam legítimas), porque sei que estou em um processo educativo e que Deus tem planos para comigo que vão além das realidades presentes. Meus olhos devem estar constantemente voltados para a visão de Deus e Seu planejamento de longo alcance para minha vida. Ele garante: “Antes que Eu te formasse no ventre materno, Eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações” (Jr 1:5). ▀

“Não temas diante deles, porque Eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor”

Está chegando a



Douglas Assunção | Imagens: Fotolia

26 e 27 de novembro

Ligue 0800-9790606 | acesse www.cpb.com.br | ou visite uma Loja da Casa



PARA SABER MAIS SOBRE OS LANÇAMENTOS, DESCONTOS E PROMOÇÕES, ACESSE www.cpb.com.br/facebook
NO SITE VOCÊ PODERÁ FOLHEAR E BAIXAR A REVISTA ONLINE DE NATAL COM TODOS OS PRODUTOS E PROMOÇÕES.